



OS TECELÃO

DIE WEBER

DRAMA EM 5 ATOS, EM PROSAS

GERHART HAUPTMANN

CARLOS ALBERTO DA FONSECA

Tradução e Notas.

DOI : 10.26512/dramaturgias29.59444

GERHART HAUPTMANN

Representada pela primeira vez, em Berlim,
no Neues Theater, em 26.02.1892.¹

Tradução e notas de
CARLOS ALBERTO DA FONSECA²

-
- ¹ Redigida no final de 1891 em versão dialetal, a peça descrevia a revolta dos tecelões da Silésia em 1844 alternando as cenas ao redor de destinos singulares e momentos coletivos, antes da insurreição resultar em sangue. A peça devia ser representada em 1892 no Deutches Theater, então dirigido por Adolph L'Arronge mas, em março de 1892, a polícia de Berlim interditou a representação com a afirmação de que as "descrições fortes dos ensinamentos e das queixas sobre a exploração e a alienação do trabalhador, exercidas pelo fabricante na peça, arriscam-se a transformar essa caracterização tendenciosa em propaganda exemplar." A representação francesa ocorreu em Paris, pelo Théâtre-Libre de André Antoine, em 29.05.1893.
- ² Traduzido da tradução francesa de Jean Thorel: *Les tisserands*, Paris, G. Charpentier et E. Fasquelle, 1893.

Apresentação

JEAN THOREL

Anoite de 29 de maio no Théâtre-Libre e as resenhas dadas pela imprensa foram suficientes para revelar ao grande público francês e colocar em evidência o nome de Gerhart Hauptmann, já célebre na Alemanha, mas até então conhecido na França apenas por alguns letrados. Acreditamos, então, ser útil fazer preceder esta tradução de *Die Weber* de alguns detalhes sobre o jovem escritor alemão e seu trabalho.

O Sr. Gerhart Hauptmann, neto de tecelões, nasceu em 1862 em Salzbrunn, na Silésia.¹

Antes de se aproximar do teatro, ele hesitou durante algum tempo sobre o caminho que devia seguir. Depois de estudar agronomia em termos práticos, ao que se dedicou no início, resolveu ser artista, mas sem saber ainda a que arte se consagrar. Começou pela escultura, e a ela se dedicou por vários anos. Depois projetou escrever romances históricos, esboçou o plano de um *Péricles*. Uma viagem pela Itália fez nascer nele o desejo de escrever um drama que teria *Tibério* como personagem principal.

Essas tentativas não o satisfizeram de modo algum, e a primeira obra que publicou, em 1885, foi uma espécie de epopeia, que se chamou “O destino dos promethidas”, os descendentes de Prometheu [*Promethidenlos*]. Era mais uma coletânea de pensamentos fortes do que um poema; e o jovem poeta logo cedo percebeu que esse não era seu caminho, pois enviara ao prelo um outro livro de poemas que fez imprimir antes da publicação de seus Promethidas. Gozava uma situação de relativa fortuna que lhe facilitava todas as hesitações e lhe permitia esperar que uma vocação bastante clara nele se manifestasse.

¹ Silésia: A província da Silésia foi importante zona industrial da Polônia e da Chéquia. Nos últimos anos, depois das mudanças políticas ocorridas em 1989, a região tem sofrido enormes restruturações. Tornou parte do Império Alemão quando a Alemanha foi unificada em 1871. Havia considerável industrialização na Alta Silésia, e houve migração de muitas pessoas para essa região nessa época. A maioria da população da Baixa Silésia era germano-falante e luterana, incluindo a capital Breslávia, então conhecida como Breslau. Havia áreas tais como o distrito de Opole e partes da Alta Silésia, contudo, onde uma grande parte ou até mesmo a maioria da população era polaco-falante e católica romana.

O Théâtre-Libre de Berlim. Fundado um pouco sobre o modelo do Théâtre-libre de Paris² pelos Srs. Otto Brahm³ e Paul Schlenther,⁴ foi o berço da fama do Sr. Hauptmann. Há vários anos uma escola de jovens romancistas realistas, já inspirados pelas teorias e pelas obras do Sr. Zola, ocupava um amplo espaço em Munich e em Berlim. Uma nova geração devia surgir que tentaria fazer que o teatro admitisse obras realistas. Ela teve êxito, e muito mais que na França, pois hoje em dia ter passado por seu Théâtre-Libre é uma carta de recomendação para os principais teatros berlinenses.

Desde a primeira peça que fez representar, em outubro de 1889. O Sr. Hauptmann se afirmou como o mais notável dos jovens dramaturgos alemães.

“Antes do nascer do sol” (*Vor Sonnenaufgang*), 1889, era um pouco a encenação das teorias zolistas sobre a hereditariedade. E era ao mesmo tempo um drama social. A ação se passa num ambiente de camponeses subitamente enriquecidos pela descoberta de minas de carvão, e cujos vícios só se fizeram aumentar por essa mudança inesperada de fortuna. A personagem principal, Loth, um agitador socialista, só encontra simpatia nesse ambiente junto a uma jovem, que ele logo se põe a amar e com quem pensa se casar; mas, por temor aos germes mórbidos que essa união poderia trazer, acredita ser seu dever fugir quando descobre que a jovem pertence a uma baixa família de egoístas e de beberrões incuráveis.

“A festa de reconciliação” (*Das Friedensfest*), 1890, é ainda um drama sobre a hereditariedade, mas tratado de maneira mais profunda, mais íntima. Temos aí personagens que mais vivem as ideias do autor do que as expõem. Trata-se de toda uma família de neuropatas que vemos se agitar diante nós, e sofrer, e se fazer sofrer uns aos outros, uns inconscientemente, os outros pela própria consciência que têm de seu estado. Esse drama testemunha bastante visivelmente uma influência ibseniana.

Parece-nos que a personalidade do autor se exibe por completo em sua terceira peça, “Os isolados”/“Pessoas sozinhas” (*Einsame Menschen*), 1891. Sem dúvida, pode-se reconhecer os elementos que o formaram, mas desde então o Sr. Hauptmann é senhor desses elementos; não mais se submete a eles, domina-os completamente, e se deve admitir que isso é o que constitui sua personalidade, já que nada se cria do nada. Os *Sozinhos* são um neuropata e uma emancipada casta, que são incapazes de encontrar a felicidade nos ambientes simples em que vivem e que por um instante se

² O Théâtre-Libre foi um movimento teatral nascido no **Menus Plaisirs**, uma sala do **18^o arrondissement de Paris**, criado por **André Antoine** (1858-1943) em **1887** a fim de renovar o espetáculo por meio de uma *mise en scène* **realiste** e pela interpretação de jovens escritores naturalistas franceses (**Émile Zola**) e estrangeiros (**Ibsen**, Strindberg), em ruptura com o teatro de bulevar praticado desde a antiga Paris. Em suas *mises en scène*, os atores devem viver suas personagens. Ele insiste na importância da gestualidade, libera o jogo do ator das convenções e da cabotinagem e advoga uma dicção menos declamatória, mais natural. Quer dar ao espectador a impressão de assistir a uma «fatia da vida» apoiando-se em figurinos e cenários modernos e realistas nos mínimos detalhes. Joga com a iluminação, usando a eletricidade para efeitos de luz inéditos, adotando a obscuridade wagneriana para a sala. A presença de verdadeiros pedaços de carne bovina para *Les bouchers*, de Fernand Icres, de 1888, fez escândalo. Retomando a teoria da “quarta parede” instaurada por Diderot em seu *Discours sur la poésie dramatique*, de 1758, dá uma grande importância ao papel do diretor, que passa do estatuto de técnico ao de criador.

³ **Otto Abrahamsohn**, 1856-1912, também conhecido como Otto Anders, crítico, diretor e gerente de teatro. Redator-chefe da revista *Freie BÜHNE FÜE MODERNES LEBEN* (Cena livre para uma vida moderna), braço impresso da *Freie Bühne*, associação cultural que fundou em 1889 com Schlenther e outros para encenar obras da recente dramaturgia naturalista.

⁴ **Paul Schlenther** (1854-1916), crítico, diretor e dramaturgo alemão.

dão conta de que sua afeição pura vai ajudá-los a carregar o peso da vida, mas que logo se decepcionam nessa esperança. O homem, que sofre por não ser compreendido por sua família, seu pai, sua mãe, sua mulher, não atingiu aquele grau de inteligência que o faria ver que existe puerilidade e loucura em querer se fazer compreender por alguém que não é organizado para isso, que existe até coisa pior, que existe crueldade em fazer esses simples de coração nobre verem tudo o que os separa deles. A jovem também é uma isolada, mas ela sabe disso, e se resigna, embora um pouco tarde, e depois de ter arruinado para sempre, apenas com sua presença, a felicidade da família que a acolheu por algumas semanas.

Depois desse belo drama, o Sr. Hauptmann experimenta a comédia, e faz representar no Deutsches Theater, em janeiro de 1892, *College Crampton* ("O colega Crampton"), que foi recebido com grande interesse pelo público berlimense. Pode-se resumir muito judiciosamente o caráter da personagem principal dessa peça dizendo que se trata de uma espécie de Falstaff moderno. Um gênero cômico "certinho", que talvez apreciássemos melhor em Paris, precisamente porque tem mais valor que o cômico perverso para o qual parecem se encaminhar nossas preferências.

A peça mais recente do Sr. Hauptmann é esta *Os tecelões*. Proibida para representação pública, ela foi publicada em forma de livro desde o ano passado, e representada neste ano, no último domingo de fevereiro, no Théâtre-Libre de Berlin, ressuscitada para a ocasião. O Sr. Jacques Saint-Cère a indicou, no Figaro, à atenção do Sr. Antoine, e se conhece o sucesso que ela acaba de fazer em Paris. Dispensaremos aqui qualquer análise de *Os tecelões*, bem como qualquer julgamento já que todo o mundo compreendeu que aquilo que fazia seu elevado mérito artístico foi o fato de que esse drama não é especificamente uma apelação em favor de quem quer que seja, muito menos uma acusação contra ninguém. Todas as personagens são ali simplesmente viventes; os infelizes que sofrem não são de nenhum modo apresentados como heróis, eles também podem ser vistos com seu egoísmo; os patrões, causa aparente de todo mal, não são pintados com cores perversas; o pastor da aldeia, inteligência medíocre, caráter hesitante, tem apesar de tudo um coração nobre; a polícia não é mais exigente do que pedem as circunstâncias. Em resumo, todas as personagens são profundamente vivas, e foi isso que tornou o drama tão pungente.

Os sectários do socialismo proclamaram que se trata de um drama socialista. Ignoramos se o Sr. Hauptmann alguma vez aderiu a qualquer partido revolucionário, e isso pouco nos importa, pois se verdadeiramente a representação pública de *Os tecelões* pode excitar para o ódio e para as lutas violentas que o ódio sempre pode desencadear, isso só aconteceria porque a peça não foi completamente compreendida pelos espectadores.⁵

O Sr. Hauptmann escreveu, não uma apelação socialista, mas uma obra bem mais profunda, bem mais bonita, e, acrescentamos, bem mais útil: ele escreveu o drama da miséria. E nós pensamos que numa sociedade que o temível egoísmo leva à ruína, nada é mais útil do que exibir, por todos os meios, aos poderosos e aos menos afortunados do dia, a miséria que querem ignorar. Não temos a ingenuidade de pensar

5 Valham as informações oferecidas pelo tradutor francês a respeito dos dados objetivos sobre Hauptmann e sua obra. Não nos responsabilizamos por seu juízo sobre qualquer forma de engajamento político do dramaturgo, que chegou a desenvolver alguma simpatia pelo nazismo, amigo que era de Hans Frank.

que, saindo da peça do Sr. Antoine, todos os seus assinantes se precipitem para seu tabelião para redigir imediatamente, em favor dos pobres, um ato de renúncia à sua fortuna; ignoramos também se algum dia a dor, ou pelo menos a miséria material, será vencida no mundo; mas, enquanto existir a dor, enquanto houver miséria, o primeiro dever de todo ser humano e de toda sociedade será procurar remediar-la; e ainda não se encontrou melhor meio de despertar a piedade do que mostrar o sofrimento. É natural que os humildes não possam compreender todo o sofrimento que também pode existir naqueles que acreditam ser os felizes do mundo, e não temos que nos espantar com isso. É uma desgraça que seu ódio cresça contra a sociedade, mas é uma desgraça inevitável, e é a própria sociedade que deve ser responsabilizada por esse mal, desde que não trabalhe para o erradicar, pelo único meio salutar que existe: curar-se de seu egoísmo.

Certamente, é melhor levar socorro a um ser sofredor do que passar uma noite num teatro; mas pensamos também que seria melhor mostrar para quem vai passar sua noite num teatro um drama como o do Sr. Hauptmann do que um vaudeville picante, ou uma opereta obscena, como as operetas e os vaudevilles com que nos divertimos ordinariamente... Mas já chega de falar de *Os tecelões*, vamos ao drama e cada um dos leitores que julgue.

Resta-nos exprimir o lamento de que uma tradução, sobretudo a tradução de uma obra como esta, só possa dar uma ideia bastante imperfeita do original. Entendemos a impossibilidade de uma restituição exata quando se trata de dar a impressão de que se ouve falarem pessoas incultas que se exprimem no dialeto de sua província. Que língua, ou qual patoá fazê-los falar em francês? Procuramos apenas ficar tanto longe da língua acadêmica quanto de um patoá, ou de algum *argot* especial. Muito do que faz o sabor do original está, então, forçosamente estropiado pela tradução. Felizmente o maior mérito da peça do Sr. Hauptmann reside nas qualidades de humanidade geral que ela apresenta, e isso pelo menos aqui se pode recuperar.⁶

Acrescentemos, para terminar, que o Sr. Hauptmann deve fazer representar proximamente no Deutsches Theater uma comédia, *Der Biber Peltz* ("O casaco de castor", 1893); e que ele está preparando ao mesmo tempo um grande drama histórico, cuja ação se passa na época das guerras camponesas.⁷

⁶ Ecoando o drama tradutório de Jean Thorel, nosso cuidado com a tradução para o português preservou a manutenção de níveis sociolinguísticos diferenciados para as personagens, tal como presentes no original: um nível formalizado gramaticalmente culto para os burgueses (português padrão) e um outro, que mistura procedimentos de fala populares diversificados de diferentes locais sociais brasileiros para os tecelões e demais personagens do povo.

⁷ O drama acontece "algures em Berlim no final dos anos 1880." Estreia em Berlim em 1893. Em consonância com os princípios naturalistas do uso de formas de falar do dia a dia, um grande número de personagens fala em dialeto berlinense.

Personagens

DREISSIGER, fabricante
MADAME DREISSIGER
PFEIFFER, expedidor
NEUMANN, caixa
UM ATENDENTE
WEINHOLD, preceptor dos filhos de Dreissiger
JEAN, cocheiro
KITTELHAUS, pastor
MADAME KITTELHAUS
HEIDE, comissário de polícia
KUTSCHE, policial
WELZEL, estalajadeiro
MADAME WELZEL
ANNA WELZEL,
WIEGAND, carpinteiro
UM CAIXEIRO VIAJANTE
UM CAMPONÊS
UM GUARDA FLORESTAL
SCHMIDT, médico
HORNIG, trapeiro
WITTIG, ferreiro
BAECKER
MAURICE JAEGER
O VELHO BAUMERT
A MÃE BAUMERT
BERTHA BAUMERT
EMMA BAUMERT
FRITZ, filho de Emma, de 4 anos
AUGUSTE BAUMERT
O VELHO ANSORGE
A MULHER HEINRICH
O VELHO HILSE
MÃE HILSE
GOTTLIEB HILSE
LOUISE, mulher de Gottlieb
MILIENNE, filha deles
REIMANN
HEIBER
UMA MULHER DE TECELÃO
UMA CRIANÇA
TECELÕES E MULHERES DE TECELÕES

A ação se passa por volta de 1810, em Kaschbach, no Eulengebirge, e também em Peterswaldau e Langenbielau, aos pés do Eulengebirge⁸

⁸ Eulengebirge é a “Montanha da Coruja”; Kaschbach, Peterswaldau e Langenbielau são aldeias do distrito de Reichenbach, também referido como Eulengebirge.

Primeiro Ato

Um hall amplo, de paredes acinzentadas, na fábrica de Dreissiger em Peterswaldau.⁹

É o lugar onde os tecelões entregam os tecidos terminados. À esquerda, janelas sem cortinas. No fundo, uma porta envidraçada; à direita, uma porta também envidraçada por onde entram ou saem continuamente os tecelões, suas mulhe-res e crianças. Ao longo da parede da direita, em sua maior parte, como as outras paredes, coberta de prateleiras, estende-se um banco sobre o qual os tecelões depositam as peças que trazem. Segundo sua ordem de entrada, vão entregar seu material para exame. O expedidor Pfeiffer está de pé atrás de uma grande mesa, sobre a qual cada tecelão coloca a peça que vem submeter a exame. Para esse exame, Pfeiffer de serve de um compasso e de uma lupa. Depois que Pfeiffer viu a peça, o tecelão pega-a novamente e a deposita numa balança, onde o atendente verifica seu peso. O mesmo atendente vai em seguida colocar na loja a mercadoria aceita. O expedidor Pfeiffer indica a cada vez, em voz alta, ao caixa Neumann, sentado perto de uma mesinha, o salário a ser pago.

A cena se passa num dia sombrio do fim de maio. O relógio marca meio dia. A maior parte dos operários presentes se comporta como se estivesse na barra de um tribunal onde tivesse de esperar uma decisão que seria para eles uma ques-tão de vida ou morte. Todos exibem um ar abatido, como de pedintes, miseráveis caídos de humilhação em humilhação, e que, tendo o sentimento de serem apenas tolerados, estão habituados a se apequenarem ao máximo. Os rostos trazem a marca rude de devaneios cruéis e inúteis. Quase todos os homens se parecem, de pequeno talhe, o peito estreito, catarrento, a figura pálida e suja, condenados ao trabalho de tecer que torna cambaios os seus joelhos. Suas mulheres são menos típicas à primeira vista. Parecem amolecidas e exaustas, ao passo que os homens ainda apresentam o aspecto de uma certa gravidade lamentosa. Elas estão cobertas apenas de farrapos, ao passo que as roupas dos homens estão pelo menos remendadas. Entre elas, as jovens não são desprovidas de graça: uma palidez de cera, formas delicadas, grandes olhos saltados e melancólicos.

CAIXEIRO NEUMANN (contando o dinheiro) – Sobra dez com dois.

UMA MULHER DE TECELÃO (trinta anos, extenuada, recolhe o dinheiro com uma mão trêmula) – Brigado, moço.

NEUMANN (vendo que a mulher não se vai) – E daí? Tá certa tua conta não?

MULHER DE TECELÃO (gaguejante e suplicante) – Dá aí mais uns quebradinho; vô per-cisá tanto...

NEUMANN – Ara se eu tesse de pensá nos borsos d'oceis!... Tô aqui priso não... ia tê que tê uns barde de dinheiro. (*pondô-se depressa a pagar um outro tecelão, acrescenta secamente*) Pra pedi vale de adiantamento, só lá c'o seu Dreissiger.

A MULHER DE TECELÃO – Posso intão falá c'o seu Dreissiger?

O EXPEDIDOR PFEIFFER (antigo tecelão, mas não conservou o tipo franzino. É gorducho, está bem vestido, barbeado há pouco. É também um bom fumante. Ele replica bruscamente) – Ele ia tê um bocad' de trabaio se se ocupasse da miséria de tuda essa gente. A gent'

⁹ As mansões dos fabricantes de tecidos abrigavam também dependências para recebimentos das peças preparadas em casa pelos tecelões.

tá aqui embaixo pra fazê isso pur ele. (*mede uma peça de tecido com seu compasso e a examina com a lupa*) Meu Deus, que ventania pur essa porta! (*ele aperta ao redor do pescoço um grosso foulard*) Hei, o ilustre aí feche a porta quando entrá no salão.

ATENDENTE (em voz alta para Pfeiffer) – É cumo se a gente falasse c'uma mula.

PFEIFFER – Já terminô? Pesa aí agora. (*O tecelão coloca a peça de tecido na balança*) Cê continua me fazendo sabê que não sabe fazê dereito seu trabaio. Tá que é só defeito; sabe nem dá esses nozinho no fim. Meus cumprimento, tá uma merda!

BAECKER (*acaba de entrar. É um jovem tecelão, mais robusto que seus companheiros, ar independente, quase insolente. No momento em que entra, Pfeiffer, Neumann e o atendente trocam um olhar de inteligência*) Deus do céu, esse mau tempo de merda! Vamo se moiá tudo, galera!

UM TECELÃO (à meia voz) – Bem que pudia chuvê mermo.

O VELHO BAUMERT (*que entreabriu a porta à direita para entrar. Atrás da porta, vê-se um grupo compacto de tecelões que esperam sua vez para entrar no salão. O velho Baumert manquitolou até o proscênio. Deposita seu pacote sobre o banco perto de Baecker. Senta-se ao lado e esfrega o rosto.*) Eta coisa mais de boa descansá um poco.

BAECKER – Mió inda quando faiz tem' bão! Faiz mais bem qu'esses caraminguado qu'eles paga pra gente.

O VELHO BAUMERT – Ah! esses caraminguá... faiz bem pegá eles tomêm. Dia aí, Baecker.

BAECKER – Dia aí, véi Baumert. A gent' inda tem de gradecê, né...

O TECELÃO – Isso aí, e nunca ninguém óia a gen' de perto! Já fiquei horas e hora numa fila pra pedi arguma coisa e nada.. Tecelão aí pr'eles vale menos que merda.

PFEIFFER – Silêncio aí, ocês, não dá pr' ouvir na' desse jeito.

BAECKER (mais baixo) – É dia de lua ruim hoje, né.

PFEIFFER (ao tecelão, que se mantém à sua frente) – Já falei pr'ocês um mião de veiz que era mió mantê o salão limpo. Mais ocês são uns porco mermo! Olh' aí esse barro no chão, e essa cuspidera aí!

O TECELÃO REIMANN – Zagera não, seu Pfeiffer.

ATENDENTE (que pesou a peça) – Peso não confere! Tá faltano pano aqui!

PFEIFFER – Espertinho ocês tecelão! Entregano um pedacinho de menos em cada peça! Ah! nos meu tempo! Patrão nenhum ceitava isso! Naquela época num era cumo hoje em dia não, tinha de sabê trabaíá dereito. Agora, é nisso que deu... Reimann, deiz pau.

O TECELÃO REIMANN – Mais fiquei c'o retainho de gorja.

PFEIFFER – Tenho tempo pra gastá c'ocê não. Passa, passa, já tá pago. Que qu'ocê troce aí?

O TECELÃO HEIBER (*ele deposita sua peça de tecido. Enquanto Pfeiffer a examina, Heiber se aproxima dele e lhe diz à meia voz, mas com emoção.*) Me discurpe aí, seu Pfeiffer, si fosse um poco de sua bondade pudia mi fazê o favô de num discontá agora o vale que mi adiantô semana passada. Percisado, né...

PFEIFFER (medindo o tecido e o examinando, responde num tom de zombaria) – Escoieu direitinho a hora de me pedir isso, não foi? Se ainda me tivesse entregado uma peça um poco mai limpa...

HEIBER (*continuando no mesmo tom*) – Na semana próchima já vô podê pagá tudo. Mai essa semana tive de faiá um dia no trabaio. E tem minha fia doente...

PFEIFFER (*entregando a peça para pesagem*) – Quano que vô pará de le dizê pra num entregá trabaio mar feito! Óia só isso daqui. (*examinando outra peça*) Que merda! Tá largo demais aqui, e estreito demais aqui! E esses fio aqui, tudo sorto. E nem deve de tê sessenta fio aqui! Cadê o resto? Qué que sua senhoria feiz? Qué que o senhor faiz c'os fio q' a gente le entrega? Hein?? (*Heiber segura as lágrimas, e permanece ali consternado, sem ousar dizer nada*)

BAECKER (*à meia voz, para Baumert*) – Filho da puta! Vai vê a gente tá enfiano linha no rabo!

MULHER DE TECELÃO (*que mal se afastou do caixa, e que de vez em quando lança para ele um olhar desesperado, como que pedindo socorro, parece finalmente tomar uma grande resolução corajosa e se dirigindo novamente suplicando ao caixa*) Num vô consegui saí dessa si num mi dé um adianto... Ah! meu sinhô Jesus!

PFEIFFER – Me dexe em paz com seu choramingo e deixe o senhor Jesus lá na cruz tranqilo. Cum esse seu home aí da cruz ocê se preocupa, se liga mais no seu home, vai ser melhor pr'ocê. Tem jeito não de fazê adiantamento. Cada um tem de dá conta do que percisa. Esse dinheiro aqui num é nosso, tenho de prestá conta. E, de mais a mais, quano a gente conhece nosso trabaio dereito e a gente trabaia com crença em Deus, a gente nunca precisa de adianto nenhum. Tamo comprendido?

NEUMANN – É cuma os tecelão de Bielau. Mermo que ganhe quatro veiz mais, acaba gastano quatro veiz mais c'a comida e a dívida vai ficano cada veiz maió.

A MULHER DE TECELÃO (*em voz alta, para chamar a atenção de todo mundo no salão*) – Eu num sô preguiçosa nem vagabunda, mais essa merda tá durano tempo demais! Já é a segunda veiz qui isso acontece! E o meu home nem se aguenta de pé; ele qué si curá; já foi no curandero lá em Zerlau, ele num deu jeito pra nada... Num dá pra fazê o impossíve, tem mais nada pra gente fazê. Nem durmo mais, tem semanas qui num prego os zóio. Si ainda eu num tivesse essa dor nu zosso!... Nem me güento em pé mais! (*fazendo-se suplicante*) Porisso eu peço, meu bom senhor, adianta aí uns caraminguá.

PFEIFFER (*sem mesmo parecer ouvir*) – Bem pesado, deu onze pau.

MULHER DE TECELÃO – Bom, mió que nada, já dá pra compra pão hoje. O paderó faz mais fiado não. E a gente tem uma penca de fio.

NEUMANN (*para o atendente, num tom comicamente sério*) – Os tecelão que fia o linho faiz um fio tudo ano, regularmente, tudos ano. O senhor pode me explicar cuma que é isso?

ATENDENTE (*no mesmo tom*) – As tartaruga fica cega durante seis semana tudos ano, regularmente, tudos ano. O senhor pode me explicá como é isso?

O TECELÃO REIMANN (*sem tocar no dinheiro que o caixa acaba de lhe dar*) – Sempre me déro treze paus por cada peça.

PFEIFFER (*gritando lá do seu lugar*) – Se não tá contente, Reimann, cala a boca e vai saino. Não farta tecelão pro teu lugá. Ô gente que reclama... quano ocê entregá o peso justo, aí te pago os treze pau.

REIMANN – Devia mi prová que tava fartano peso.

PFEIFFER – Me traiz uma peça bem tecida, aí vai ter o salaro completo.

REIMANN – Poi zintão, essa daí num tava boa não? Ond' é que viu tantos defeito?

PFEIFFER (*que recomeçou a examinar uma peça*) – Quem tece bem, bem vive; quem tece mal, mal vive.

HEIBER (*está perto de Pfeiffer, para esperar um instante favorável. Ele sorri à réplica de Pfeiffer, e então se aproxima dele e lhe fala no mesmo tom da primeira vez*) – Seu Pfeiffer, si fô uma prova da sua bondade, si qué amostrá qui é bom, num segure um avanço aí pra mim essa semana; é que, vê só, despois da Quaresma, minha fia tá toda acamada, toda zistropiada. Tem mais nada qui fazê, vô tê qui pagá um cuidadô. Intende essa aí, seu Pfeiffer, tenho curpa nessa coisa não.

PFEIFFER (*dando uma tragada*) – Ora, bravo Heiber, não tenho só você pra pensá. Tenho de me ocupá dos otro tombém.

REIMANN – Mi déro os fio do jeito qui tá aí, eu tirei eles da máquina do jeito que tinha posto ali; num posso devorvê um fio mió do que quando me déro ele.

PFEIFFER – Se o fio não te agradava, você tinha é de me procurá. Tá assim ó de tecelão que ia gastá o sarto intero dos sapato pra í me procurá.

NEUMANN (*para Reimann*) – Num vai pegá a grana aí não?

REIMANN – Tem grana pra recebê não.

NEUMANN – Bom. (*sem mais se preocupar com Reimann*) Heiber, dez pau; deduzino cinco pau de avanço, sobra cinco pau.

HEIBER (*aproxima-se, dá uma olhada no dinheiro, sacode a cabeça como se não acreditasse no que acontece, e finalmente pega as moedas uma a uma, suspirando*) – Ah! miséria, miséria... Enfim!

O VELHO BAUMERT (*para Heiber, olhando-o na cara*) – Ah! sim, coitado de você, Heiber, sempre teno que choramingá, fica bem cômoda assim a vida.

HEIBER (*penosamente*) – Pensa aí, tem minha fia coitadinha, qui tá doente, tenho de comprá os remédio pr'ela.

O VELHO BAUMERT – E do que qui ela tá doente?

HEIBER – Bom, os médico num sabe, viu. Ela tá sempre tonteano, des que botô aquela cara no mundo! Cum certeza, deve de sê argum vício que ela tem naquele sangue ruim.

O VELHO BAUMERT – Miséria da miséria! Quano a gente é pobre tem tudas desgraça do mundo. Essa merda num tem fim, tem remédio não.

HEIBER – Que qui é isso aí nesse seu lenço?

O VELHO BAUMERT – Veja você, lá em casa tamo na seca, sem nada pra comê; a gente já até matô o cachorro pra comê; ia tudo morrê de fome. Era tão bonzinho o bichinho... Tava quase dano ele prum vizinho, mais a gente teve de matá ele, de matá ele pra comê.

PFEIFFER (*após ter examinado a peça de Baecker*) – Baecker, treze pau.

BAECKER – Isso num é salário, é esmola.

PFEIFFER – Quem já foi pago pega aí seu rumo. Nada de ficá recramano aqui.

BAECKER (*aos que o rodeiam, sem baixar a voz*) – É uma esmola miseráve, uma caridade, nada mais. E pra recebê isso aí tem que suá da manhã intê de noite, às veiz vará uma noite toda. E quano a gente tá todo estropiado, já meio morto, vem aqui e recebe treze pau.

PFEIFFER – Vocês num vêm aqui pra ficá bateno língua não.

BAECKER – Ara, mais num vai me fazê calá a boca, não.

PFEIFFER (*levantando-se bruscamente*) – Vamo vê direito como é isso. (*indo até à porta envidraçada e chamando*) Seu Dreissiger! Senhor Dreissiger, quer ter a bondade de?...

DREISSIGER (*entra. É um homem de cerca de 40 anos, ainda jovem, mas com sobrepeso e asmático. Com um ar severo.*) O que é que está acontecendo aqui?

PFEIFFER (*maliciosamente*) – Eu mandei o Baecker calá a boca e ele tá se recusando me obedecê.

DREISSIGER (*joga a cabeça para trás para se dar um ar de arrogância, e todo trêmulo*) – Ah! ah! Baecker!... (*para Pfeiffer, apontando Baecker*) É esse aqui mesmo, o Baecker? (*os empregados fazem um sinal afirmativo*)

BAECKER (*insolentemente*) – Sim, sim, seu Dreissiger. (*apontando para si*) É eu mesmo o Baecker! (*apontando Dreissiger*) E você aí é o seu Dreissiger!

DREISSIGER (*indignado*) – E então, tem topete o vagabundo!

PFEIFFER – E parece que tá tudo bem pr'ele. Mas tanto vai o pote lá na fonte...

BAECKER – Vai se calá ocê, bruxo dos inferno, cala essa boca suja de fio dos diabo; tua mãe deve ter trepado cum demônio num sabá pra colocá no mundo uma besta fera cum'ocê.

DREISSIGER (*explodindo de raiva*) – Cale a boca já, silêncio, senão... (*ele treme de cólera e dá alguns passos na direção de Baecker*)

BAECKER (*esperando, firme em pé*) – Sô surdo não, ô gritalhão; precisa de gritá não.

DREISSIGER (*voltando a si, com uma calma aparente*) – Esse aí não estava naquele bando de ontem à noite?

PFEIFFER – É um dos tecelão de Bielau. Certeza que sempre tem um deles em todos bando de arruacero.

DREISSIGER (*voz trêmula*) – Ouçam bem, guardem aí nessas cacholas o que vou dizer. Se acontecer uma única vez de um bando de bêbados vagabundos passar de novo na frente da minha casa, de dia ou de noite, cantando aquela maldita musiquinha...

BAECKER – Aquela que fala dos corno...?

DREISSIGER – Entendeu o que eu disse, não foi? Então, vou repetir, se acontecer uma única vez de um bando de bêbados vagabundos passar de novo na frente da minha casa, pela minha honra, faço prender um de vocês e entrego pra justiça. Vão ver se eu tô brincando. E se eu descobrir quem fez aquela maldita musiquinha...

BAECKER – Relaxa, seu Dreissiger, é uma múscia bonitinha...

DREISSIGER – Se você disser mais uma palavra, mando te prender! E não vai demorar muito. E vão saber espancar direitinho; já mandei fazer isso antes.

BAECKER – Oh, anjinho, todo mundo sabe disso aí. Um patrão truculento como tu, merda! Bem capaz mesmo de mandá espancá duzentos ou trezentos tecelão. E depois mandá passar sal inda por cima. Fora os osso quebrado sem conserto. Um patrão como tu, que come de tudo, bem pode ter quatro estômago, cumo as vaca, e uma mandiba cumo os lobo.

DREISSIGER (*para os empregados*) – Nem preciso dizer pra não dar mais trabalho pra esse bocudo aí!

BAECKER – Morrê no trabaio ou numa sarjeta, vô tá fudido do mesmo jeito.

DREISSIGER – Siam daqui, depressa, saiam daqui!

BAECKER (*com um tom decidido*) – Tem que me pagá, primero.

DREISSIGER (*para Neumann*) – Quantos paus pra ele?

NEUMANN – Treze pau.

DREISSIGER (*pega violentamente o dinheiro das mãos do caixa e joga sobre a mesa. Algumas moedas caem no chão*) – Taí. Pega e se manda...

BAECKER – Quem diz que num ia pagá...

DREISSIGER – Tá pago. E se não sair... Já é meio dia, meus tintureiros vão sair...

BAECKER – Preciso da grana na minha mão, aqui. (*com os dedos da mão direita toca a palma da mão esquerda*)

DREISSIGER (*para o atendente*) – Pega aí, na mesa e no chão. (*o atendente obedece, e coloca o dinheiro na mão de Baecker*)

DREISSIGER – E então? (*vendo que Baecker não se apressa para sair; impaciente*) Tá precisando de uma ajudinha aí? (*Um movimento se produz no grupo compacto de tecelões. Alguém soltou um longo e profundo suspiro. Ouve-se uma queda. Toda a atenção se volta para aquele lado.*) O que tá havendo aí atrás?

VÁRIOS TECELÕES E TECELÃS – Uma criança teve um ataque! – Uma criança caiu aqui. – Ela caiu de fome? – Será que tá doente? – Ninguém sabe o que ela tem...

DREISSIGER (*aproximando-se*) – E aí, o que houve?... Um ataque!

UM VELHO TECELÃO – A criança... ali, caída no chão. (*abrem um espaço, então se vê uma criança de cerca de 8 anos, caída inconsciente no chão*)

DREISSIGER – Alguém conhece esse moleque?

O VELHO TECELÃO – Num é da nossa ardeia não.

O VELHO BAUMERT – Tá pareceno que é um dos fio dos Heinrichen. (*olha mais de perto*) Sim, é o Gustavinho Heinrichen.

DREISSIGER – Onde os pais dele moram?

O VELHO BAUMERT – Lá pra baixo de mim, na Kaschbach, patrão. O moleque canta nas estrada quano num tem trabaio nas fábrica. Eles tem nove fio, o de dez tá vino aí.

VÁRIOS TECELÕES E MULHERES DOS TECELÕES – Eles vive na miséria. - Um barraco em ruína. - Nem pão eles tem. – um par de sapato pra criançada toda.

O VELHO BAUMERT (*ocupado em cuidar do garoto*) – E então, moleque? O que que foi? O que que tá sentino? Vai, vai, tenta se levantá.

DREISSIGER – Peguem ele pelos braços. É uma loucura fazer uma criança tão fraca andar assim tão longe. Pfeiffer, traz um pouco de água pro garoto.

UMA MULHER DE TECELÃO (*que ajuda a manter o garoto em pé*) – Faiz besteira não, moleque. Vai morrê agora não.

DREISSIGER – Pfeiffer, traz um pouco de conhaque. Vai ser melhor pra ele.

BAECKER (esquecido de todos, fica observando o que acontece. Mão no trinco da porta, grita com voz forte e estridente) Dá um troço quarqué pra ele comê, aí ele vai se endireitá.

DREISSIGER – Isso não vai dar certo. Peguem o leque pelos braços. Com calma, com calma, aí, isso... Levem o moleque pro escritório... O que foi agora?

NEUMANN – O moleque falô arguma coisa. Tá mexeno os lábio.

DREISSIGER – O que foi? O que é que você quer, garoto?

O MENINO (com dificuldade) – Tô... cum fome...

DREISSIGER – (reprimindo um movimento de temor) – Não dá pra entender o que ele quer.

UMA MULHER DE TECELÃO – Eu acho... que ele tava dizeno...

DREISSIGER – Vamos ver. Pro escritório, leva o garoto pro meu escritório. Aí chamamos o médico. (Dreissiger. Neumann e a mulher de tecelão conduzem o moleque para o cômodo vizinho. Produz-se um movimento entre os tecelões, como entre os escolares quando o professor sai da classe. Gritam, murmuram, mudam de atitude, e ao fim de alguns instantes a conversa se torna ruidosa e geral.)

O VELHO BAUMERT – Eu acho que o Baecker tava c'a razão.

VÁRIOS TECELÕES E MULHERES DE TECELÕES – O moleque bem que falô que tava cum fome. – Nem era novidade, aqui, todo mundo tá cum fome. – Cuma que a gente vai se virá no inverno, se eles continuá a diminuí desse jeito nosso saláro. – Principalmente quando a colheta das batata foi tão ruim. – Pobre dos nosso fio, que essa merda num vai mudá nunca! – quem é que sabe quano a gente vai tá tudo fudido de veiz!

O VELHO BAUMERT – O mais terríve foi que o tecelão Nentwich, que se passou uma corda no pescoço e se pendurou lá no trabaio dele. Toma aqui, véio, dá uma tragada aí. Eu tive lá em Neurode, onde trabaia meu cunhado na fábrica de tabaco. Foi ele que me deu esse charuto. Mas diga o que que tem de bom aí no teu lenço?

O VELHO TECELÃO – Um poco de farinha. O moleiro de Ullbrich, c'a carroça lá dele, caminhava na minha frente. Tinha lá um saco furaco e tava vazando farinha. Ele me dexô recoiê o que já tinha vazado. Eu tava mermo precisando dela lá em casa.

O VELHO BAUMERT – E tem 22 moinho lá em Peterschwalde, só que nenhum deles trabaia pra gente.

O VELHO TECELÃO – É, a gente só num pôde se desencorajá, sempre pode acontecê arguma coisa pra ajudá a gente.

HEIBER – E, quano a gente sente fome, rezá pra todos santo do paraíso. Mas e se isso não dé certo? Amarrá uma pedra no pescoço e se jogá no rio? Fala aí, Baumert! (Dreissiger, Pfeiffer e o caixa tornam a entrar)

DREISSIGER – Não era nada grave. O garoto já está recomposto. (indo e vindo com agitação. Às vezes para, ofegante) É bem estúpido fazer uma coisa dessas com uma criança, tão balofa quanto um porco, só que a gente pode derrubar com um assoprão. Não entendo como pode existir pais desse tipo, sem um pingo de consciênciia como esses. Fazer o coitado andar duas léguas com duas peças de fustão nas costas. Não dá pra acreditar nisso. Pro futuro, quero que recebam as peças tecidas e que forem trazidas por uma criança. (dá alguns passos em silêncio) Em todo caso, não quero que isso aconteça outra vez. No fim das contas, quem é que vai ser o responsável? Os fabricantes, os patrões, aí meu Deus

do céu! Nós é que somos a causa de tudo. Se um pobre diabinho como esse aí, num dia de inverno, parar debaixo da neve e acabar dormindo, sempre vai ter um repórter vindo não sei de onde pra mexericar o fato, que vai acabar fazendo o espetáculo dos jornais. O pai, os pais e os parentes que empurraram o moleque pra neve, não é deles a culpa, nós é que somos o bode expiatório. Os tecelões, a gente bajula os tecelões todos os dias; nós, eles batem em nós todos os dias. O patrão é sempre um homem sem coração, uma rocha de dureza, um ser perigoso, contra os quais todos os cães devem latir. Ele vive na opulência, e só paga um salário derrisório aos seus operários. Se um patrão tem ou não suas preocupações, se tem noites de insônia, se corre riscos que um operário nem pode imaginar, se perde o juízo por fazer tantos cálculos, se não vive um dia sem contrariedades ou decepções, se ele tem que pensar em mil coisas que para ele são questão de vida ou de morte – nada disso tem importância para esses fazedores de frases bonitas. Mas Deus sabe tudo o que depende dos patrões, e para quanta gente eles dão vida! Ah! ah! eu queria ver vocês na minha pele, um pouquinho só uma vez ou outra; vocês desistiriam depressinha. (*depois de se recuperar um pouco*) E esse vagabundo, esse safado do Baecker, vejam como ele se comporta. Nada vai impedir que ele saia gritando por toda parte que sou um bicho sem coração, por um sim ou por um não persigo meus operários! |Digam vocês aí, é verdade isso? É verdade que sou um ser sem coração?

MUITAS VOZES – Não, de jeito nenhum, seu Dreissiger.

DREISSIGER – Eu sei muito bem que não. Mas isso não impede que esses animais saiam de noite nas ruas cantando musiquinhas chulas sobre nós, seus patrões. Até parece que nós deixamos vocês morrerem de fome! E isso também não impede vocês de se embebedarem, beber canecas e mais canecas de qualquer cangibrina. Que eles metam seus narizes onde quiserem, vão ser sempre tecelões de estopa. Esses aí é que podem falar de miséria. Mas vocês, tecelões de fustão, realmente não sei do que vocês reclamam e até podiam agradecer a Deus por eu ser o patrão de vocês. E pergunto a meus velhos operários, meus bons tecelões, que estão aqui: um tecelão que conhece direito o seu trabalho, se está comigo está em paz, não é?

MUITAS VOZES – Sim, seu Dreissiger.

DREISSIGER – O que foi mesmo que eu disse? Um vagabundo como esse Baecker, não, pelo amor de Deus! Mas acreditem em mim, fiquem de olho nele. Se ele continuar me enchendo o saco, ponho no olho da rua. Vamos ver onde é que ele vai encontrar trabalho! Com certeza nem na casa dele!

MULHER DE TECELÃO (*que já iniciou um avanço no início da cena. Ela se aproxima de Dreissiger e sacode a poeira de sua manga com uma humildade servil*) – O senhor tá um pouco sujo, seu Dreissiger.

DREISSIGER – Os negócios não vão bem, vocês bem sabem. Estou perdendo dinheiro em vez de ganhar. Se, apesar de tudo, ainda me viro de algum modo para dar trabalho a meus tecelões, quero pelo menos ser agradecido por isso. Tenho aqui milhares de fardos, que nem sei como vou me livrar deles. – Agora, ouvi dizer que muitos tecelões das redondezas estão sem trabalho... Mas não, o Pfeiffer pode explicar isso pra vocês. Eu só quero mostrar a vocês que estou muito disposto. Não posso distribuir esmolas, não sou tão rico assim. Mas quero experimentar, se puder, fornecer para os que não têm nada a chance de ganhar pelo menos alguns trocados. Me preocupa o risco que corro se fizer isso. Mas digo pra mim mesmo: vale mais trabalhar um quarto do dia que seja do que não fazer absolutamente nada e acabar morrendo de fome. Não tenho razão?

MUITAS VOZES – Com certeza, seu Dreissiger, com certeza.

DREISSIGER – Estou disposto a ainda dar trabalho para duzentos tecelões... O Pfeiffer vai explicar as condições a vocês. (*Faz menção de sair*)

MULHER DE TECELÃO (*barra a passagem do patrão e lhe fala com precipitação, com voz suplicante*) – Caro senhor Dreissiger, eu gostava de lhe pedí, lhe fazê uma solicitação... se tarvez o senhor podia... já tive dois ataque.

DREISSIGER (*apressando-se*) – Fale com o Pfeiffer, minha boa senhora, já estou atrasado. (*passa para a frente dela*)

REIMANN (*coloca-se diante dele, falando num tom de queixa mórbida*) – Seu Dreissiger, me vejo de verdade obrigado a reclamá... o seu Pfeiffer me deu... eu sempre recebo treze pau pelas minhas peça...

DRESSIGER (*cortando-lhe a palavra*) – Olha lá, está ali o expedidor, vai falar com ele; é com ele que tem de falar.

HEIBER (*segurando Dreissiger*) – Caro senhor Dreissiger... (*se perturba e balbucia*) si fosse uma amostra de sua bondade... si tarvez o senhor queresse... ou si tarvez no seu Pfeiffer queresse... se ele queresse...

DREISSIGER – O que você está querendo?

HEIBER – Um pequeno diantamento, porque na úrtima veiz... eu achava... eu pensava...

DREISSIGER – Não estou compreendendo você!

HEIBER – É que eu tô um pouco pertubado, porque...

DREISSIGER – Olha, tudo isso aí é com o Pfeiffer... não posso me ocupar de tudo aqui... Se vire com o Pfeiffer. (*Ele se esquiva para trás do balcão. Os três suplicantes se entreolham consternados e se retiram um após o outro, suspirando*)

PFEIFFER (*recomeçando seu trabalho de verificação*) – E aí, Annette, qué qu'ocê trouxe?

O VELHO BAUMERT – E a quanto vai pagá pela peça, seu Pfeiffer?

PFEIFFER – Cada peça tecida?... dez moeda.

O VELHO BAUMERT – He! Bem podia melhorá isso aí, né. (*movimento entre os tecelões, tossidas e murmúrios*)

Segundo ato

(*No casebre do estalajadeiro Guillaume Ansorge em Kaschbach, no Eulenburg.*)

Um cômodo estreito de menos de 6 pés de altura. O piso apodrecido pela metade. Vigas enfumaçadas. Duas jovens, Emma e Bertha Baumert, estão sentadas ocupadas em seus teares. A mãe Baumert, uma velha encarquilhada, está sentada em um tamborete, perto da cama, com uma roda de fiar à sua frente. Seu filho Auguste, 20 anos, cabeça pequena, uma cara de idiota, ombro estreito, as mãos em patas de aranha, está sentado num banco ocupado em desenrolar as meadas de linha. Na parede da esquerda, há duas janelinhas estreitas, cujos quadrados de vidro foram substituídos por folhas de papel, e cujos buracos estão tapados

com palha. É a hora do crepúsculo. Uma luz fraca penetra no cômodo, iluminando um pouco as cabeleiras de um loiro pálido das jovens, livres sobre suas nucas frágeis cor de cera e seus ombros magros e nus. Elas vestem uma camisa de algodão áspero e uma saia curta de lã grosseira. É tudo o que vestem. O rosto e o pescoço da velha têm um tom oleoso, a figura é toda emaciada, a pele exangue toda cheia de buracos; os olhos são tristes, vermelhos, aquosos, consequência do trabalho com pouca luz e da vida contínua em meio à poeira da lã e fumaça. Um pescoço escrofuloso, riscado de dobras. O peito caído está coberto por lençóis e trapos em desordem. Uma parte da parede está coberta pelo aquecedor e pelo leito. Na parede, imagens religiosas, de cores cruas, que os últimos raios do sol ainda iluminam. Num varal, perto do aquecedor, alguns trapos estão secando. Atrás do aquecedor, uma pilha de velhos utensílios miseráveis. No banco que está perto do aquecedor, alguns potes e pratos lascados. Cascas de batata foram colocadas para secar num pedaço de papel. Nas vigas do teto há pacotes de fios e carretéis suspensos. Ao lado dos teares pequenos cestos com bobinas. Na parede do fundo, porta baixa, sem tranca. Não longe dali um feixe de galhos de vime, na vertical e, bem perto, vários cestos meio desmanchados. Ouve-se o ruído produzido pelos teares, a marcha das navetas, o choque das madeiras, fazendo tremer as paredes do cômodo, ao mesmo tempo que o zumbido contínuo e profundo das rodas.

A MÃE BAUMERT (com uma voz lamentosa, esgotada, no momento em que ela vê que suas filhas param de tecer e se inclinam sobre o tear) – Mais fio quebrado! E ocês vê se dão direito esses nó...

EMMA (a mais velha, 22 anos; dando nós nos fios quebrados) – Cum esses fio podre, tuda hora tem de dá esses nó.

BERTHA (15 anos) – Tarvez ocê faz a carreira muito forte.

EMMA – Onde será que o pai tá? Faz nove hora já que saiu.

MÃE BAUMERT – Sabe lá onde se meteu aquele véio!

BERTHA – Tem de se preocupá com essas coisinha, não... (*Emma volta a tecer*) Escuta, Emma.

EMMA – Qué que há?

BERTHA – Pareceu que tava chegano arguém.

EMMA – Deve de sê o Ansorge chegano. Não, é o Fritz.

FRITZ (um garoto de 4 anos, descalço, em farrapos, entra chorando) – Manhê, to cum fome.

EMMA – Pera um poco, Fritucho, o vô vai chegá, vai trazê pão e café.

FRITZ – Tô cum muita fome, manhê.

EMMA – Num se faiz de tonto, muleque, já te disse que seu vô vai chegá. E vai te dá um belo dum pãozinho pr' ocê, e cum café, ouviu? Vai bem o muleque, durmi de bucho cheio despois. E mais tarde a mamãe vai pegá as casca de batata pra levá lá no granjero pra trocá pr'uma caneca de iorgute pro Fritucho.

FRITZ – E onde que foi o vô?

EMMA – Lá no patrão fabricante, vê se pega uns trocado.

FRITZ – No patrão fabricante?

EMMA – Sim, no escritório do fabricante, o seu Dreissiger, lá em Peterschwalde.

FRITZ – E o fabricante é que vai dá o pãozinho?

EMMA – Sim, e vai dá dinhero pra comprá otro pão.

FRITZ – Então o vô vai ganha bastante dinhero?

EMMA – Ah! Para de me enchê o saco com tanta pergunta. (*Ela volta a tecer, bem como Bertha, mas param logo em seguida para conversar*)

BERTHA – Auguste, vai vê si o Ansorge vai demorá pra acendê. (*Auguste se afasta, Fritz o segue*)

MÃE BAUMERT (*com uma angústia crescente, quase infantil, e lágrimas nos olhos*) Onde que pode tê ido o teu pai?

BERTHA – Deve de tê ido lá nos Hauffen.

MÃE BAUMERT (*chorando*) – Des que num tenha ido lá naquele cabaré!

EMMA – Chora não, mãe; o pai num é home disso.

MÃE BAUMERT (*deixando explodir os temores terríveis que a assaltam*) – Que que seria da gente se ele fartasse... se ele fosse embora... se ele bebeu tudo e num vai trazê nenhum centavo!... tem nenhuma pitada de sali na casa, nenhuma casca de pão, nenhum pedaço de carvão!...

BERTHA – Chora pur isso não, o carvão a gente arruma pur aí. Tem lua cheia essa noite, eu e o Auguste vamo recoiê lenha seca na floresta.

MÃE BAUMERT – Sim, pra que os guarda te pegue e te meta um processo!

ANSORGE (*um velho tecelão, obrigado a se curvar profundamente para entrar no cômodo; ele passa a cabeça e o busto pela porta. Cabelos e barba em desordem*) – Qué q'ocês qué?

BERTHA – acende a lâmpada aí.

ANSORGE (*voz abafada, como se estivesse doente*) – Mais inda tá craro.

MÃE BAUMERT – Não, você sempre larga a gente trabaiano no breu.

ANSORGE – Vô pensá si posso quebrá o gaio pr'ocês. (*ele se retira*)

BERTHA – Esse rato é bem capaiz de roê nossa corda.

EMMA – Tem que esperá a vontade dele.

A MULHER HEINRICH (*ela entra. 30 anos. Está grávida. Seu rosto cansado testemunha cuidados e angústia*) Boa noite, tudo mundo.

MÃE BAUMERT – E então, Heinrich, que que tem de novo?

MULHER HEINRICH (*mancando*) – Me enfiei um estrepe no pé.

BERTHA – Vem sentá aqui. Vô tentá tirá ele. (*A mulher Heinrich se senta. Bertha se ajoelha na frente dela e se ocupa em extraír-lhe o estrepe*)

MÃE BAUMERT – E lá na sua casa, como vão as coisa?

MULHER HEINRICH (*desesperadamente*) – Ah! mai isso num vai durá mai muito tempo não. (*ela desata a chorar*)

MÃE BAUMERT – Tinha sido mió pra gente como nós se Deus desse a graça da gente morré.

MULHER HEINRICH (*continuando a chorar convulsivamente*) – Meus fii tão chorano de fome. (*emite pequenos gritos lamentosos*) Num sei mai pra que santo rezá. Por mais que a gente tenta, num tem jeito de saí dessa miséria. Nove criança pra dá de comê. Comê o quê, meu Deus? Onte de noite tinha um pedaço de pão, nem chegava pros dois menó.

Tudo chorano, dependurado na minha saia, gritano: pra mim, mãe, pra mim!... E inté agora num consegui rumá nada, e como vô fazê assim sem podê andá, tenho que ficá deitada. A água podreceu nossas batata, e era o que tinha na casa, dá nem pra recoiê do chão.

BERTHA (*tirou o estrepe do pé doente e lavou o ferimento*) – Vô botá uma compressa no seu pé. Pega um pedaço de pano, Emma.

MÃE BAUMERT – Aqui em casa num tá mió que na sua.

MULHER HEINRICH – Pelo meno, você tem suas fia, tem um home qui trabaia. O meu teve um otro ataque otra semana. Quano o bicho pega, o home quebra tudo, num tem como segurá. E depois que o ataque passa, fica oito dia deitado té sará.

MÃE BAUMERT – Um dia é o peito, no outro é os rim, no seguinte num se sente bem. Num tem um puto dum centavo em casa hoje, sei lá o que vai virá isso aqui.

EMMA – Eu digo que a gente tá no fim já, e o jeito hoje vai sê matá o cachorro pra tê arguma coisa pra mordê c'os dente.

MULHER HEINRICH – Vocês num tem nem ao meno um punhadinho de farinha?

MÃE BAUMERT – Nem isso; mais nem um grão de sali.

MULHER HEINRICH – Então, num sei mais nada... (*Ela se levanta e fica em pé, parecendo refletir*) Não, num sei nada mermo... Sem esperança arguma... (*Um grito de sofrimento*) Eu me contentava com um prato de lavage de porco! Num posso entrá em casa c'as mão vazia, num é possive! Então, que Deus me perdoe, não tenho otro jeito pra escapá! (*Ela sai rapidamente, continuando a mancar do pé esquerdo*)

MÃE BAUMERT (*acudindo solicitamente*) – Juízo, muié, num vai fazê nenhuma besteira...

BERTHA – Num tem medo, num vai duê mais.

EMMA – Para, tá sempre gritano desse jeito. (*Volta para seu tear, e tece por alguns instantes até à entrada de Auguste, que traz uma vela acesa, iluminando seu pai, o velho Baumert, que entra no quarto carregando um pacote de fios*)

MÃE BAUMERT – Senhor Jesus! Meu véio, onde você foi ficá tanto tempo assim?

O VELHO BAUMERT – He he Tava pensano que eles ia me engolí né? Me deixa retomá meu forgo. E olha bem direito aqui pra vê o que te troce...

MAURICE JAEGER (*entra, curvando-se, por causa da porta*) – Boa noite, tia Baumert. (*Maurice Jaeger é um reservista, de talhe médio, robusto, bochechas vermelhas, boné de hussardo sobre a orelha. Tem roupas e sapatos convenientes e uma camisa limpa sem colarinho. Assim que entra, assume uma postura militar para saudar.*)

MÃE BAUMERT – Ora, vejam só! O moço tá de vorta. Então inda num sisqueceu da gente. Senta aí, rapaiz... se adiante, senta aí.

EMMA (*limpa um banco com sua saia e avança na direção de Jaeger*) – Boa noite, Maurice; então ainda vem na casa duns pobre diabo cuma gente?

JAEGER – Me diz aí, Emma, eu num quiria creditá; tu tem um fio garotinho grande já pra ser sordado do exército. Onde foi que tu arranjô essa coisa?

BERTHA (*desembaraçou o pai das provisões que trazia, colocou a carne numa caçarola, que ela coloca no forno do fogão, enquanto Auguste acende o fogo*) – Você num conheceu o tecelão Finger?

MÃE BAUMERT – Ele morava aqui num quartinho. Quiria se casá cum ela, mais já num ia bem do peito. Então eu disse pr'ela num ligá pra isso. Eu num ligava. O otro agora tá morto e enterrado já faiz um bom tempo. Ela que tem de se virá, ela, com o fio dela!... Mais e você, Maurice, como se virô?

VELHO BAUMERT – Sincomode não, mãe, é um safado esse rapaiz! Num sincomoda nenhum poco com a gente agora. Veste ropas de príncipe, tem um relógio de mostradô, pursêra de prata; e ainda por cima, dez pacau de arto valô no borsó.

JAEGER (*gabando-se ingenuamente*) – Tenho nada que reclamá não; me dei muito bem no regimento.

VELHO BAUMERT – Esse aí era o criado de quarto do comandante. Tem que escutá ele fala, sabe falá cuma gente fina das casa chique.

JAEGER – Sim, eu me habituei a falar bem, era uma boa maneira de me preparar para sair daquele lugar.

MÃE BAUMERT – Mais precisa contá aí, um sujo cuma você feiz o que pra ganhá tanto dinheiro?... De mais a mais, você num sabia fazê um nada, num era bom em nada, nem sabia desenrolá uma merda de uma meada de fio. Sempre do lado de fora, fazeno suas armadía pros rato, depenano os tordo de gravata. Você gostava mais é disso aí, num era?

JAEGER – É mesmo verdade, sim, tia Baumert, mais eu num depenava só os tordo macho de gravata, ia nas andorínia também.

EMMA – A gente comentava sempre que era mesmo um pecado depená as andorínia daquele jeito.

JAEGER – Eu num me saía nada mal, hein? Nada me impedia de fazê aquilo. Mas, e aqui na sua casa, tia Baumert, como foram as coisas?

MÃE BAUMERT – Ah! Senhor Jesus, é muita miséria já faiz quatro ano. Não tô aguentano mais. E meus dedo, olha só como eles tão! Esse reumatismo! Exausta, essa dor em tudas junta, nem posso mexê os braço e as perna. Ninguém pode imaginá o tanto que tô sofreno.

VELHO BAUMERT – É, ela num consegue í pra canto nenhum, cada veiz mais trevada nessa cadera!

BERTHA – De manhã, a gente tem que vestí as ropa nela, e tirá de noite, ela num consegue nem se vestí. E a gente tem que dá comida na boca dela Cuma si fosse um bebê.

MÃE BAUMERT (*continuando com voz lamentosa e choraminguenta*) – eu preciso de sê ajudada pra fazê de um tudo. Era bem piô ainda si eu tivesse doente, num presto pra mais nada, só só um peso pros otro. Toda hora peço pra Deus pra me fazê morrê de veiz... Senhor Jesus, num tenho mais como me aguentá... num sei o que fazê, as pessoa podia creditá que tô fingino, que té otro dia podia trabaíá, tava bituada des que me pusero no mundo, e agora vô percebeno que de repente... (*ela tenta se levantar e não consegue*) num consigo, num posso fazê mais nada... tenho um home bom, e bons fii, mais quano óio a vida que eles tem, ah! minhas fia... elas num tem mais sangue nas veia, brancas cumo papé! Num tem nada elas! Tem que se matá de trabaíá antes de sentá no tear e fica ali o dia intero destruíno a saúde... que vida cadela! E sem recramá, o ano intero! Nada pra se colocá nos ombro pra ficá presentáve pra í na igreja. Nunca um poquinho de prazê. Tem cara de gente inforcada essas moça de quinze e de vinte ano!

BERTHA (*perto do fogão*) – Tá começano a fazê fumaça otra veiz.

VELHO BAUMERT – Ah! sim, a sala tá fumaçada. A gente já começa a sufocá. Tá todo doi-doo esse forno aí, tem que demolí se num quisé ficá comeno fumaça. A gente tosse de manhã té de noite, vai de mal a pió té cuspí os purmão. Mais num tem quem simporta.

JAEGER – É seu zelador, o velho Ansorge, que tem de consertá isso.

BERTHA – Ele dá um belo carão na gente se a gente fô reclamá. Ele óia pra gente cuma cara de quem é patrão...

MÃE MAUBERT – Ele acha que a gente ocupa espaço demais aqui.

VELHO MAUBERT – Se a gente reclamá ele põe a gente pra fora. E tem mais de seis meis que a gente num dá um centavo pr'ele.

MÃE BAUMERT – Um home tão bom! Devia de sê um poco mais razoáve.

VELHO BAUMERT – A gente num tem nem isso pra dá; sem essas boas manera o trabaio dele num contece.

MÃE BAUMERT – Mas pelo menos ele tem lá a casa dele.

VELHO BAUMERT – É isso que te pertuba, véia; dessa casa aqui a gente num tem nem uma pedra.

JAEGER (*sentado, tirou de seu bolso um cachimbo curto, ornado de bela borla, e de outro bolso uma garrafinha de conhaque*) Isso não pode continuar assim. É miséria demais. Nas cidades, os cachorros vivem melhor que vocês.

VELHO BAUMERT (*com agitação*) – Então num é? Ocê vê, essa situação num pode durá! Mai se a gente diz isso pras pessoa, elas diz que é só uma tempestade, que essa merda vai passá!

ANSORGE (*entra, trazendo um caldeirão de barro cheio de sopa numa mão, e na outra uma cesta inacabada.*) – Ah! Maurice! Bom dia, rapaz. Tá de vorta!

JAEGER – Voltei, tio Ansorge, bom dia.

ANSORGE (*acomodando o caldeirão*) – E tá bonitão hein, pareceno um conde.

VELHO BAUMERT – Mostra teu relójo pr'ele. Um terno todo novinho! E tem grana nos borsos.

ANSORGE (*sacudindo a cabeça*) – He! He!... sim, sim.

EMMA (*colocando as cascas de batata num saco de papel*) – Vô levá as casca de batata. (*ela sai*)

JAEGER (*todos o ouvem atentamente*) – Hei vocês, não olhem pra mim com essas caras de reprovação! Antes me diziam “você vai ver quando for soldado!” Pois então, virei soldado e me virei, e estão vendo que me dei bem. Não foi fácil, tive de dar muito duro, é preciso dizer. Lá no quartel tem que obedecer. Fazer de tudo. Engraxar as botas do brigadeiro, dar banho naqueles cavalos, procurar cerveja pros home. Eu, eu era meio esperto, fazia tudo o que eles queria. Sempre apegado ao trabalho, entre o fuzil e o medo, tudo tinha que brilhar! Eu tinha que brilhar em tudo! E como me atirei nas coisas! O primeiro numa sela, o primeiro num comando – e nunca refugar uma manobra, ‘avante! marche!’, o manual completo. E sempre à espreita, como um cão de guarda. Eu me dizia sempre: rapaz, só tem uma coisa que sempre tem de prestar atenção: o-be-de-cer. Porra! Era duro, mas de tanto meter isso na cabeça, um belo dia, na frente de todo o batalhão, o comandante parou na minha frente e disse: “Está aqui à frente de todos vocês um bom, um verdadeiro soldado.” (*Um silêncio. Ele acende seu cachimbo*)

ANSORGE (*sacudindo a cabeça*) – He! He! Você teve sorte! Virado pra lua!! He! he! (*ele agarra, colocando o feixe de ramos de salgueiro perto dele e continua trabalhando em sua cesta*)

VELHO BAUMERT – Precisa passá um poco dessa sorte pra gente aqui. Enquanto ela num vem, vamo tomá um bom gole.

JAEGER – Vamo nessa, tio Baumert. Quano tem um poco, logo vem mais atraiz. (*atira uma moeda sobre a mesa*)

ANSORGE (*agindo surpreso*) – O la la! Vai sê um casado! A sopa cherano – e o conhaque! (*ele bebe na garrafa*) À tua, Maurice!... He he... Sim, sim... (*todos bebem ao redor da mesa*)

VELHO BAUMERT – Se a gente podesse tê uma carne ensopada cuma essa tudos dia de festa; mas num é tudo dia que a gente vê um naco de carne! Só se um cachorro passasse no meio das perna da gente, iguá conteceu meis passado; isso é muito raro. Já nem tem mais muitos cachorro por aí.

ANSORGE – Você matô aquele seu cachorrinho?

VELHO BAUMERT – Ara, ele ia morrê de fome mesmo.

ANSORGE – Eh! Eh! Sim, sim...

MÃE BAUMERT – Ah! ele era tão bonzinho, coitadinho.

JAEGER – Então vocês gostam de ensopado de cachorro?

VELHO BAUMERT – Ai! Nossa senhor Jesus! Se tesse ensopado de cachorro tudos dia!

MÃE BAUMERT – Era bastante petitoso, hein, uma tigela de sopão!

VELHO BAUMERT – Nunca provô? Espera um poco, logo você se habitua de novo com a gente.

ANSORGE (*reniflando*) – He! He! Sim, sim... chera rúim não... é um prato muito bom...

VELHO BAUMERT – Tem um cherinho de canela, quem podia dizê!

ANSORGE – Tem que dizê tua opinião, Maurice. Você viu outras terra, sabe o que se passa no mundo; acha que a gente vai acabá seno feliz, a gente aqui, os tecelão?

JAEGER – Tem que ter esperança, minha gente!

ANSORGE – A gente nem vive nem morre, só vai dano o sangue té por quem morre. A miséria come a gente tudo. Antigamente, quano a gente inda podia trabaíá no tear, era duro, mais a gente conseguia superá. Hoje em dia nem dá pra encontrá trabaio. E ficá fazendo cesta num dá dinheiro não. Faço essas cesta té de noite, e quano caio duro de sono na cama ganhei só dois pau. Você que teve ducação, que que acha disso? Tudo vai ficano caro, cuma que se aguenta? Tem de dá quatro pau de contri-bui-ção, três pela casa - o ano intero só dá pra ganhá catorze e só sobra sete pra mim – e com isso tem de mantê a cozinha, pagá o carvão, as ropa, os sapato e tudo o resto – como ainda vai te de pagá o imposto!

VELHO BAUMERT – Eu digo que arguém vai tê de í na Berlim e contá pro rei cuma de que jeito a gente vive aqui.

JAEGER – Isso num vai adiantar de nada, tio Baumert. E já falaram muito dessa coisa nos jornais. Mais os rico, tudo mundo sabe, imbrúia tudo, vira os cristão em bandido.

VELHO BAUMERT (*balançando a cabeça*) – Lá na Berlim eles num tem coração!

ANSORGE – Fala, Maurice, isso é possível? Então num tem leis! Quano a gente trabaia até perdê a pele das mão e inda assim a gente cunsegue pagá os juro do que deve, a gente inda pode sê mandado imbora? Eles só qué o nosso dinhero! Que que vai sê de mim? Vô tê que í simbora? (*soluços sufocantes*) Pra onde? Eu nasci aqui, eu, meu pai trabaio nesse negócio aqui mais de 40 ano. E dizia todo tempo pra minha mãe: se eu morrê, tem de ficá pelo menos com a casa. Cada prego daqui tive de trabaia uma noite toda pra comprá; cada tauba custô um ano de pão seco. E depois eles qué me colocá pra fora!

JAEGER – São uns malditos esses que tomam seus últimos centavos!

ANSORGE – É, é, mais eu não me vou simbora não, me carregue se quisé, mas com minhas força num vô não. Acho mió morrê. O pobre do meu pai foi assim, pr'ele num doeu nada ele morrê. Mais lá no fim, ele suava tudo de medo. Eu tinha me deitado cum ele. Então ele tinha ficado tranqilinho. Eu tinha só treze ano naquela época. Eu tava exausto e dormi ali do lado dele. Eu num pensava em nada, e quano me acordei ele já tava frio, gelado.

MÃE BAUMERT (*após um silêncio*) – Bertha,vê o fogão e traiz sopão pro Ansorge.

BERTHA – Pega aí, tio Ansorge, mió comê um poco.

ANSORGE (*come, chorando*) – He! He! Sim, sim... (*pega um pedaço de carne na caçarola para comer*)

MÃE BAUMERT – Tem um poco de pacença aí, pai! Deixa a Berthe servir a mesa.

VELHO BAUMERT (*mastigando*) – Já tá fazeno dois ano que não comungo; depois da úrtima veiz que fiz a comunhão eu vendi minhas ropa de domingo. Com ela a gente comprô um poco de carne de porco. Despois daquela veiz, nunca mais comi carne de porco.

JAEGER – Os patrão come no seu lugá, esquenta a cabeça não. Eles se enche os bucho de carne. Tem que dá uma olhada em cuma eles se vira lá na Bielau e na Peterschwalde. Tudos lá tem seus palacete, verdaderos palácio. Eles nem tem condição de percebê que os tempo tão assim difíci. Eles se farta de assado, muitos doce e bolo, tem suas carruage, seus cavalo, seus criado e os diabo a quatro, nem sabe o que fazê com o que tem!

ANSORGE – Antigamente num era assim desse jeito. Os patrão dava do que vivê pra gente. Hoje em dia, eles toma é tudo pr'elos. Eu tenho cá pra mim que aquelas pessoa do mundo do dinhero num credita nem em Deus e nem no coiso. E eles sabe mais que a gente o que é permitido e o que é proibido, e tira o pão das nossa boca e chupa nossas úrtima gota de sangue. É eles a causa de tudas nossa miséria. Se os patrão fosse bons cristão, não teria tempos difíci.

JAEGER – Escuta, seus choraminga, vou ler pr' ocês umas coisa aqui. (*Tira papéis de seu bolso*) Você, Auguste, vai ali no cabaré e traiz otra garrafa. E aí, qué que foi? Tá tudo tempo rino aí feito uma besta.

MÃE BAUMERT – Ara, eu já sei o que que ele tem. Esse aí tá sempre contente. Ri por quarqué coisa. Vai,vê se corre agora. (*Auguste sai, levando a garrafa vazia*) Eh! Moleque, você sabe mesmo o que é bom!

VELHO BAUMERT (*mastigando, excitado pela comida e pela bebida*) – Escuta, Maurice, tu é mesmo nosso home! Tu sabe lê e escrevê, conhece nossa situação e até tem piedade da gente. Tu devia era pegá nossa causa nas mão e í lá fala pela gente.

JAEGER – Alguma coisa tem de sê feita! Eu também ia gostá de fazê arguma merda pr'aqueles cara lá. Não sou pernicioso, mas se o sangue me sobe na cabeça, eu pego

aquele Dreissiger com uma mão, aquele Dietrich com a outra, e bato suas cabeça dura uma contra a outra té seus zolho saí pra fora. Ah! se a gente pudesse, fazê aqueles urubu dançá miudinho! Governo!! A gente não precisa que ele se meta nos nossos negócio. A gente se manda na gente mesmo: a gente quer isso e aquilo, e porque a gente quer, ah! bom Deus, é melhor que entregue pra gente tudo o que a gente quiser Quando eles descobrirem que a gente tá mandando, aí eles vão recuar mansinho. Conheço bem esses cagão!

MÃE BAUMERT – Issaí é verdade. Eu também num sô per-ni-cio-sa; eu sempre disse que era preciso tê pessoas rica; mas quano a gente vê direitinho o que tá conteceno....

JAEGER – Os ricos! Não, que o diabo acabe com os ricos!

BERTHA – Cadê o pai? (*O velho Baumert se afastou em silêncio*)

MÃE BAUMERT – Sei lá onde aquele pode tê ido.

BERTHA – Vai vê que num tá mais costumado a comê carne.

MÃE BAUMERT (*fora de si, chorando*) – Veja ocês, o poco de comida boa que ele come, ele tem que pô pra fora em seguida.

VELHO BAUMERT (*retorna, chorando de raiva*) – Não, não, num me importo cum mais nada agora; não tenho mais valô nenhum, num sirvo pra merda nenhuma. Quano tem um poco de comida boa, ela tem que caí fora, o estoma num aceita mais.

JAEGER (*tornado fanático*) – E tem pessoas, vampiro que não dá a mínima, e que explora a gente o ano intero, e que diz que é Deus que qué assim, e que os tecelão são gente preguiçosa de trabaíá. Fios da puta!

ANSORGE – Eles num são home, são uns monstro.

JAEGER – Mais já faiz um bom tempo que tão quereno levá uma fervida no rabo. Eu, e depois o Baecker, aquele vermeio, a gente bebeu umas caneca ontem e antes de voltar pra casa a gente cantou a canção da mortalha...

ANSORGE – Senhor Jesus, aquela musiquinha qu'eles proibiro?

JAEGER – Sim, sim, eu copiei ela aqui nesse papér. (*tira um papel do bolso e o mostra*)

ANSORGE – É a canção da mortaia?

JAEGER – Esperem aí, já vô lê.

MÃE BAUMERT – Quem foi que inventô ela?

JAEGER – Num sei, ninguém sabe. Escutem.¹⁰ (*Ele lê como um escolar, quase silabando, mas com um sentimento profundo, no qual se reconhece desespero, dor, raiva, ódio e sede de vingança*)

¹⁰ Nota do original: O canto dos tecelões, no drama de Hauptmann, não é a estrofe de Heine, que serviu de tema para o poeta Maurice Vaucaire para estabelecer os cuplês que foram ditos no Théâtre-Libre de Paris. A ideia que domina as estrofes de Hauptmann é a alusão que ele faz desde os primeiros versos ao tribunal da Santa Vehme [Fehmgerichte "Sagrada Congregação"; uma sociedade secreta de inspiração cristã fundada na Westfália no século 18 e ativa até início do século 20] Havia ali alguma coisa muito especialmente alemã, que podia e deve ter produzido grande efeito na Alemanha, mas temeu-se não acontecer o mesmo na França, e essa é a razão pela qual os versos do Sr. Hauptmann foram substituídos por esses versos de Heine, compostos precisamente por ocasião daquela revolta dos tecelões que o drama do Sr. Hauptmann coloca em cena.

Nós aqui, que chamam de canaia,
Tamo por aqui, fudido sem paiz,
Tamo morreno, ninguém aguenta mais.
Mió mesmo vestí nossa mortaia,
Cum nossos fio e nossas fia,
A ropa do nosso úrtimo dia.

VELHO BAUMERT (*tocado pelas palavras da canção, e agitado no mais alto grau, não conseguiu resistir ao desejo de interromper Jaeger. Finalmente explode e, mal podendo pronunciar as palavras, diz à sua mulher, meio chorando, meio rindo*) Tamo morreno, ninguém güenta mais... O sujeito que escreveu isso, falô foi a verdade... Sim, tamo por aqui, por aqui, ó... num é verdade? Você também pode dizê. Tudo mundo pode dizê... Cuma que diz a musiquinha? Essa mortaia!... sim, é isso sim, mió mesmo vestí nossa mortaia.

JAEGER (*enquanto ele continua a ler, Ansorge, parando de trabalhar, permanece como que tomado de espanto e emoção, e a Mãe Baumert e Bertha limpam os olhos sem parar*) –

abaixo o patrão que vai é fritá
A gente debaixo dos seus casco!
O capataz é nosso carrasco!
Chega de sofrê e de gritá...
Nossos fio e nossas fia merece
mais q' a mortaia q'a gente tece.

O VELHO BAUMERT (*batendo com o pé no chão com raiva*) – Sim, é a mortaia deles também, tudo mundo vai se inrolá nela.

ANSORGE – He! He! Sim, sim... é a mortaia deles também.

O VELHO BAUMERT (*mostrando o punho com ar ameaçador*) – Os nosso carrasco vai sê os deles... Abaixo os patrão, morte aos carrasco.

JAEBER (*lendo*) –

Nossa casa é nossa prisão,
Os Dreissiger nossos carcerero
Mas tecemo em nossos aguiero
Tua mortaia, Alemanha-nação;
Nossos fio e nossas fia merece
Mais q' a mortaia q'a gente tece.

O VELHO BAUMERT (*no paroxismo da raiva*) – É isso, é isso! Tua mortaia, Alemanha! Porque eu te pergunto, escuta bem, é justo tudo isso que contele? Sou eu aqui, ó, o Guillaume Baumert, mestre tecelão de Kaschbach. Posso me presentá e dizê que fui um bom home toda minha vida. Pois bem, óia pra mim, qué que eu ganhei com isso? Qué que eu ganhei com isso? Que figura que eu faço na história? Qué que fizero de mim?... Essa merda... Sim, nossa casa é mermo nossa masmorra... (*ele estende os braços*) Mai... é tua mortaia que a gente tá tecendo, véia Alemanha, ocê tem de morrê, ocê tem mesmo de morrê. (*ele cai aniquilado numa poltrona*)

ANSORGE (*atira longe o tear em que trabalhava, levanta-se trêmulo de raiva, e balbucia*) – Isso vai tê que mudá, vai tê que mudá agora mermo. Conteça o q' contecê, isso vai tê que mudá agora mermo.

Terceiro ato

(A sala da estalagem de Peterswaldau.)

Uma grande sala cujo teto se sustenta no centro por uma coluna de madeira, ao redor da qual corre uma mesa. A porta de entrada está na parede do fundo, um pouco à direita. Vê-se por essa porta um espaço ocupado por tonéis e toda uma traquitana de cervejaria. À direita da porta, no canto, encontra-se o balcão, com prateleiras para copos e garrafas. Diante do balcão está uma mesa coberta com uma toalha colorida embaixo de algo suspenso. Há cadeiras de cana ao redor dessa mesa. Não longe dali, na parede da direita, abre-se a sala reservada. Mais perto do proscênio, do mesmo lado, um velho relógio em sua caixa de madeira. À esquerda da porta de entrada, ao longo da parede do fundo, há uma mesa com garrafas e copos e, mais longe, o grande forno de faiança. A parede da esquerda tem três pequenas janelas, ao longo das quais corre um banco. De través, diante desse banco, várias mesas de madeira. Ao longo das mesas, bancos com encostos; dos lados, escadas de madeira. A sala está pintada de azul. Nas paredes, há cartazes, imagens, e pinturas, entre as quais o retrato de Friedrich Wilhelm IV.

WELZEL é um bom gordão, de mais de 50 anos; está atrás do balcão, ocupado em verter cerveja num copo. A **Senhora WELZEL** está ocupada em passar roupa, perto do fogo. É uma bela mulher, muito propriamente vestida, de apenas 35 anos. **Anna WELZEL**, mocinha de 17 anos, com uma magnífica cabeleira de um loiro ruço. Está muito bem vestida e sentada, ocupada com alguma tapeçaria, perto da mesa coberta com uma toalha de napa. Por um instante levanta os olhos de seu trabalho e se põe a ouvir um coral fúnebre que vem de longe, cantado por crianças. O Mestre **WIEGAND**, carpinteiro, está sentado na mesa vizinha, vestindo sua roupa de trabalho, diante de um copo de cerveja de Munchen. Vê-se que é um homem prático e esperto, que deve entender de fazer negócios. Um **CAIXEIRO VIAJANTE** está sentado à mesa do meio, tenazmente ocupado em comer uma bisteca alemã. Tem talhe médio, robusto, um ar de suficiência que não o impede de parecer gaiato, ousado e bem falante. Está vestido na última moda; sua valise, suas caixas de mostruário, seu guarda-chuva, seu mantô, seu cobertor de viagem estão perto dele, sobre cadeiras.

WELZEL (levando um copo de cerveja ao viajante, ao passar por Wiegand) – O diabo tá soltinho hoje em Peterschwalde.

WIEGAND (que tem uma voz muito aguda) – Veja só, é dia de fazê as entrega pro Dreissiger.

SENHORA WELZEL – Na outra vez num teve tanta baruiera assim.

WIEGAND – Deve de sê por causa dos novo, dos duzentos operário q'ele qué empregá.

SENHORA WELZEL (sempre ocupada em passar roupa) – Sim, sim, deve de sê isso mesmo, se ele tá querendo duzentos, deve de parecê uns seiscentos procurando vaga. Erva daninha é que num farta.

WIEGAND – Ah! que porra! Eles não vão terminá nunca! São uns miseráveis e fazem mais fio do que precisa pra vivê. (*ouve-se distintamente um coral por um instante.*) Olha aí o enterro que vai passá. Mais um... Foi o tecelão Nentwich que morreu dessa veiz.

WELZEL – Tava de cama fazia tempo já. Pobre diabo! Num tinha mais que pele e osso.

WIEGAND – Verdade isso daí. O caixão dele foi o mais estreito e baixo que já fiz. O corpo num pesava mais que 50 quilos de osso e fome.

CAIXEIRO VIAJANTE (*enquanto come*) – Não entendo, juro que não comprehendo uma coisa dessas. Os jornais falam todo dia da miséria dos tecelões, dão a entender que eles estão morrendo de fome, e contam histórias de fazer a gente tremer. Mas vi um outro enterro quando entrei na aldeia. Olha, um enterro de rico, viu! Tinha música, crianças da escola, bandeiras, o pastor, um monte de acompanhantes, era de crer que fosse o enterro de um imperador chinês. Como é que essa gente pode pagar um negócio daqueles! (*ele bebe e, depois de pousar novamente seu copo sobre a mesa, retoma um ar safado para dizer a Anna*) Não é mesmo, senhorita? Então, não tenho razão? (*Anna sorri embaraçada e continua a bordar*) Sem dúvida são pantufas para o senhor seu pai, não é mesmo?

WELZEL – Eu não colocava as coisa nesses termo não.

CAIXEIRO-VIAJANTE – Então, acredite em mim se quiser, eu daria metade de tudo o que tenho para que esse bordado fosse feito para mim!

SENHORA WELZEL – Ele num tem mermo ideia do valô desse bordado.

WIEGAND (*depois de ter tossido várias vezes, adianta sua cadeira e finalmente se decide a falar*) – Ah! cuma o senhor tem razão a respeito desses enterro! Mais a senhora Welzel pode dizê que não foi dos maió, não!

CAIXEIRO-VIAJANTE – Onde é que eles acham todo o dinheiro necessário?

WIEGAND – Com licença, veja, meu dino senhor, mas não ia tê jeito de arrancá isso da cabeça deles. É cuma se dissesse que é uma ideia lá deles das obrigação que eles acha que têm c'os defunto. Se os pai deles tão morto, eles tem uma susprição sobre isso. E pede dinhero em tuda parte que pode pedí. Os herdero do morto dá tudo que eles tem. Depois disso eles inda sai pra emprestá mais de tudos canto. E é pro pastô e é pro sacristão que tem de entregá o dinhero. E inda por cima tem de tê pra pagá as bebida e as comida e as conta do armazém. Eu, o senhor pode vê, ninguém pode dizê que não tenho respeito pelos meu pai, mas num acho naturá que a gente se foda todo pra festejá assim os que morre.

CAIXEIRO VIAJANTE – Me permita dizer, acho que o pastor devia intervir, fazer essa gente mudar de ideia.

WIEGAND – Me descurpe, meu signo senhor, me descurpe. Tenho de lhe revelá que em cada ardeia, como se pode dizê, tem uma igreja e que tuda renda que a igreja recebê é a pensão, como se pode dizê, o meio de vida dos home do clero. Quando os enterro são consequente, veja o senhor, a soma também é consequente. Quanto mais gente pra fazê as oferta, mais as moeda trepa uma na outra. E tudas pessoa que entende o que conece pode passá de cabeça baixa quano o enterro não tem portança.

HORNIG (*entrando; é um velhinho baixinho, trapeiro, que tem uma sacola com trapos atravessada no peito*) – Muito bom dia, essas pessoa. Tem um jeitinho de me descolá um copinho aí? E se tivesse mais uns trapo aí me passa, senhorita? Mocinha Anna, tem lá fora na minha carrocinha uns colá bonitão, umas fita pra enfeitá as toaia, pras camisa, ligas pras meia, agúias, arfinete pros cabelo, um tesoro intero pros seus zóio, em troca de uns trapo véio. (*mudando de tom*) e é com esses trapinho, mocinha Anna, que se faz papé branco pr'ocês escrevê as carta pros seus namorado.

ANNA – Brigado, mais nem quero um namorado.

SENHORA WELZEL (*abanando o ferro de passar*) – É desse jeito aí a minha fia, nem qué fala de casamento.

CAIXEIRO VIAJANTE (*levanta-se bruscamente, exibindo uma surpresa feliz; aproxima-se da mesa coberta e estende a mão para Anna*) – Ah! Aí está uma bela ideia, senhorita. Faça como eu, vamos nos divertir. Viva os solteiros!

ANNA (*fica toda ruborizada ao lhe dar a mão*) – Mas o senhô é casado!!

CAIXEIRO VIAJANTE – Deus me livre!... Sim, eu sempre digo que sou! E, como está vendo, eu uso uma aliança. É para me proteger: todas as moças iam querer me cortejar. Mas, diante de você, não tenho medo nenhum. (*ele tira o anel e o coloca no bolso*) Mas me diga, seriamente, você não tem nenhum pouquinho de vontade de ensaiar uma parte do casamento?

ANNA (*balançando a cabeça*) – Ah! essas coisa...

CAIXEIRO VIAJANTE – Só pra aprender alguma coisa nova...

MADAME WELZEL – Oh! Ela vai continuá mocinha, ou então ia contecê arguma coisa muito rara...

CAIXEIRO VIAJANTE – E então? Quem disse que isso não vai acontecer? Tem um cara rico aqui da Silésia que se casou com a criada da mãe dele. E o fabricante patrão Dreissiger? Ele não se casou com uma moça de condição baixa, muito menos bonita que você, senhorita? E agora ela anda de carroagem. Por que não com a senhorita também? (*ele dá meia volta*) Eu gostaria de uma xícara de café. (*Ansorge e o velho Baumert entram, cada um com um pacote, e se sentam humildemente sem dizer nada perto de Hornig, que está à esquerda, na frente*.)

WELZEL – Bom dia, tio Ansorge. Tempo que num te vejo passá por aqui.

HORNIG – Ah! ocê tá aí, saiu do seu buraco hoje!

ANSORGE (*sem jeito e visivelmente perturbado*) – Vortei, tava procurano trabaio.

BAUMERT – E tá quereno trabaíá por dez pau a peça...

ANSORGE – Nunca concordei cum isso não, mas trabaíá de cestero num dá mais não.

WIEGAND – Dez pau sempre é mió que nada. E sempre é uma cupação, né. Eu conheci aquele tal Dreissiger. Tem oito dia consertei uma janela lá dele. A gente falô dessas coisa. Ele é muito bom pr'os tecelão.

ANSORGE – He hel!... sim, sim, é mermo.

WELZEL (*servindo um copo a cada um dos tecelões*) – Bebe aí, meus amigo. Mais me diz, tio Ansorge, quanto tempo já que num faiz a barba? É aquele sujeito ali que qué sabê.

CAIXEIRO VIAJANTE (*do seu lugar*) – Ah! me permita, senhor estalajadeiro, não foi isso que lhe perguntei. A fisionomia do mestre tecelão me impressionou, me pareceu absolutamente venerável. Não se costuma ver velhos tios com uma natureza tão nobre!

ANSORGE (*coçando a cabeça com um ar perturbado*) – He ! he! Sim, sim.

CAIXEIRO VIAJANTE – É muito raro ainda ver homens assim, soberbamente cultos, hoje em dia que a civilização invade tudo. Eu, sinto prazer em encontrar ainda um homem das florestas. Sobrancelhas bastas, uma barba que é uma floresta virgem!...

HORNIG – Veja, meu digno senhô, vou te dizê, que sem dúvida ele sabe muito bem que que é um barbero, mas não sabe que que é um barbeadô. Tudo cresce, que diabo! Quanto à cara que as pessoa tem, dô a mínima.

CAIXEIRO-VIAJANTE – Por favor, meu bom homem... (*baixo, para o estalajadeiro*) – Posso oferecer um copo para esse homem cabeludo?

WELZEL – Tenho medo que ele recuse. Ele tem lá as mania dele.

CAIXEIRO-VIAJANTE – Então, não vamos mais falar disso. A senhorita permite? (*ele se senta à mesa coberta*) Posso lhe dizer que desde minha entrada a beleza dos seus cabelos me fascinou. Brilhantes, e finos, e tão cheios! (*ele exprime seu entusiasmo beijando as pontas dos dedos*) E essa cor... de trigo maduro! Em Berlim, com esses cabelos, você revolucionaria o mundo! Palavra de honra, você faria um tremendo sucesso na corte! (*movimentando-se um pouco para ver melhor a cabeleira*) Magnífica, soberbamente magnífica!

WIEGAND – Foi por isso mesmo que déro um nome tão bonito!

CAIXEIRO-VIAJANTE – Ah! E que nome foi?

ANNA (*sorridente, meio embarçada*) – Não escute, não.

HORNIG – Senhorita Lourice?

WELZEL – Sim, merecido. O senhor se viraria pra oiá ela passá. Já tem muito broboleta aí interessado. Teve já um conde, amanhã pode té parecê um príncipe.

SENHORA WELZEL – Num fala mar de nossa fia, marido. Num é nada rúim, ora, ela querê se educá. Inda bem que tudo mundo num pensa cumo ocê, senão ninguém ia reclamá de nada, ia tudo mundo ficá c'a bunda pregada na sua cadera. O grande fabricante patrão Dreissiger, se fosse cuma você, inda era um pobre tecelão, ao passo que tá que só veno. Aquele tar véio Tromtra também era um pobre tecelão, agora tem doze castelo e virô um nobre pra cima de tudo mundo.

WIEGAND – Tudo isso foi bem falado, Welzel, tua muié tem razão, posso te assegurá. Se eu fizesse cuma você, num tinha sete operário nesse momento.

HORNIG – Bom, ocê remô direito seu barco, tem que reconhecê. Só num queira morrê pr'eleis mandá fazê um túmo pr'ocê.

WIEGAND – Quano se qué tê sucesso, mió abrí os zóio.

HORNIG – Se ocê consegui abrí, né. Quano um tecelão vai tê um fio, ele fica sabeno disso antes do médico.

WIEGAND (*dando-lhe as costas*) – Fala com quem você quisé, mais num fala comigo não. (*voltando-se de repente*) Seu mentiroso vagabundo!

HORNIG – Se manda! Coveiro imundo!

WIEGAND (*aos assistentes*) – Tudos sabe que esse aí é um bruxo, que distribui mau-oiado.

HORNIG – Te cuida então, que te lanço uma praga. (*Wiegand empalidece*)

MADAME WELZEL (*que havia saído, traz o café para o caixearo viajante*) – Qué que sirva seu café na outra sala?

CAIXEIRO VIAJANTE – O que disse? (*lançando um olhar amoroso para Anna*) Vou ficar aqui até morrer.

UM JOVEM GUARDA FLORESTAL & UM CAMPONÊS (*o camponês tem um chicote*) – Bom dia. (*permanecem em pé diante do balcão*)

CAMPONÊS – Tem como serví dois copo pra gente?

WELZEL – Mas claro, bom dia, meus amigo. (*serve os copos pedidos. Os dois recém-che-gados brindam e bebem, e recolocam os copos sobre o balcão*)

CAIXEIRO VIAJANTE – E então, senhor guarda florestal, fizeram uma longa caminhada até aqui?

GUARDA FLORESTAL – Sim, foi bem isso. Vim da aldeia de Steinseffer. (*Dois velhos tecelões entram e se colocam perto de Ansorge, Baumert e Hornig*)

CAIXEIRO VIAJANTE – Me permita lhe perguntar, o senhor trabalha como vigia para o conde Hochheim?

GUARDA FLORESTAL – Não, pr'o conde Keil.

CAIXEIRO VIAJANTE – Sim, sim, era esse nome que eu queria falar. Essa coisa não termina nunca por aqui, os condes e os barões e os senhores de toda laia. Tem que ter uma memória de cachorro pra lembrar todos esses nomes... Então, pra que te serve esse machado aí?

GUARDA FLORESTAL – Acabei de confiscá dos caçador ilegá.

VELHO BAUMERT – É porque nossos bom senhô, veja aí, manda biservá de pertinho pra gente num robá nenhum gaiinho seco de madera da floresta.

CAIXEIRO VIAJANTE – Mais então isso num devia de acabá se tudo mundo precisasse de í catá pau seco...

VELHO BAUMERT – Me permita, descurpe, aqui é cumo em tudus parte: tem os ladrão graúdo e os ladrão miúdo. Os graúdo são os vendedô de madeira, qui vive ricos. Os miúdo é os pobre diabo dos tecelão, que vai pegano cavaco, foia seca...

O PRIMEIRO VELHO TECELÃO (*interrompendo Baumer*) – Sim, o mais menor cavaquinho que a gente pega, eles já manda batê na gente, esfolá a pele da gente..., sem contá tudo que a gente tem de dá, e tudos dia de trabaio que eles impõe, tudus coiêta e serviço particulá que a gente tem de fazê pro nobre home.

ANSORGE – Sim, é bem desse jeito mermo, o que o patrão dexa pra gente, vem o nobre home e toma do borsó da gente.

SEGUNDO VELHO TECELÃO (*que se sentou à mesa que está ao lado*) – Eu falei pra Sua Graça nosso senhô: descurpe, seu conde, o que eu disse é que num tem mesmo jeito de a gente fazê tantos dia de trabaio duro de corvéia. Num é que tô discutino c'o senhô, isso num ia serví de nada, mais, me descurpe, as chuva me fudero, arruinaro meu campo. Num sobrô nada daquela merda de coiêta, a gente ficô até quase sem nada pra vivê, e tem que trabaíá dia e noite. Ah! minha gente, que desgraça que foi! E o jeito era ficá oiano pr'aquilo, torceno as mão, sem podê fazê nada. Tuda terra boa levada por aquela água tuda, desceno violenta lá pros baxo da colina, derrubano metade das casa. E perdida tuda aquela bela coiêta! Senhô Jesuis, durante oito dia, eu creditei que tinha de ficá ali. E depois, a gente teve de trazê oitenta carroçada de terra.

CAMPONÊS (*rudemente*) – Você tá sempre choramingano miséria por tudus parte. O mau tempo num depende das vontade da gente, a gente tem de se resiná mesmo. Mais quano os negócio vai mar, a curpa é sua mermo. Se ocê coloca um poco de dinheiro de lado quano ganha argum, vai tê arguma coisa guardada pras hora de infelicidade lá pra frente. Tô nem aí pr'ocê, ocê joga tudo, ocê bebe tudo, devia de fazê economia quano pode, e mais tarde num precisá de robá fio de tecido nem lenha.

UM PRIMEIRO JOVEM TECELÃO (*à porta com alguns camaradas*) – Camponês é sempre camponês, mermo quano qué sê esperto.

PRIMEIRO VELHO TECELÃO – Sim, faiz muito tempo que a gente sabe disso, os camponês e os nobre, todo mundo sabe. Quano um tecelão precisa de um lugá pra morá, o camponês diz: Tem ali um cantinho, me paga um bom aluguel, e depois me dê ainda uma mãozinha pra trazê meu feno e minha aveia, e se num aceita minhas condição, vai fuçá em otro lugar. E ocê vai procurá um segundo, que ele vai te recebê exatamente cuma o primero.

BAUMERT (*com raiva*) – Sim, a gente é cumo um toné onde tudo mundo vai tomá um golinho.

O CAMPONÊS (*muito excitado*) – É isso aí, cambada de preguiçoso, monte de morto de fome, no que é mermo que ocês são bom? Ocês nem sabe dirigí um arado, ou manejá uma foice, ou carregá uma carroça de feno! Ocês só são bom pra vagabundeá e pra se deitá c'as muié! E qué que tudo mundo se preocupe c' ocês! (*Dizendo essas palavras, ele pagou sua consumação e sai. O guarda florestal o segue rindo. Welzel, sua mulher, e o carpinteiro riem em voz alta. O viajante sorri. Finalmente, os risos cessam. Um silêncio.*)

HORNIG – Um camponês como esse é mais servage que um toro. Cuma se a gente num conhecesse tuda miséria que existe aqui, nas ardeia tuda! Ah! cada espetáco que a gentevê! Nada engracado de vê... dormi todo mundo pelado, em bolos de quatro ou cinco, num só cochão de paia.

CAIXEIRO VIAJANTE (*objetando muito suavemente*) – Desculpe, meu bravo homem, nem todo mundo concorda com você sobre o grau de miséria que reina nessas redondezas. Se você soubesse ler...

HORNIG – Eu sei lê tão bem cuma ocê, e também leio os jorná, eu. Mais tarvez eu posso sabê muito bem, faço muitas viage por aí. Quano se perambula pelas estrada por quarenta ano como eu, a gente sabe o que rola. Os Fuller, sabe como eles se virava? As criança se entretinha no monte de lixo c'os pato dos vizinho, ciscano arguma coisa de comê. E tudas terminaro morreno, sem ropa, deitada naqueles cochão gasto, depois de tê tentado engolí té lixo pra num morrê de fome. E, cuma elas, tem centena e centena por essas ardeia aí.

CAIXEIRO VIAJANTE – Mas, se você lê os jornais, deve saber que o governo ordenou uma pesquisa, e que...

HORNIG – Ah! a gente conhece essas pesquisa aí! Vem um senhor gordo enviado pelo governo, e que já sabe de tudo sem tê visto nada! E passeia um poco pela aldeia, pela pracinha, olhando as mais bela mansão, mais não vai mais longe pra num sujá os sapato. E diz pra si mermo que tudo deve ser igual do que viu, e sobe outra veiz na sua condução e pau no cavalo! Tudo o que resta pra fazer é os relatório pra Berlim, dizeno que num existe ali um só pingo de miséria. Se ele tivesse sido um poco mais corajoso, se tivesse ido um poquinho só mais pra cima, do lado das pequena cabana isolada, das biboca tão cinzenta e mar cuidada que nem vale um palito de fórfo pra metê fogo nelas, ele não teria escrito as mesma coisa pra Berlim. E eles poderia tê me achado aqueles senhô de Berlim, que num qué creditá que aqui havia escassez. Eu tinha mostrado tudo pr' eles. Era preciso abrí os zoio deles. (*ouve-se cantar do lado de fora a canção dos tecelões.*)

WELZEL – Eles aí cantano de novo aquela canção dos diabo!

WIEGAND – Com certeza deve de tá conteceno arguma coisa. (*Jaeger e Baecker, de braços dados, à frente de um grande grupo de jovens tecelões, penetram ruidosamente na casa e dali na sala da estalagem*)

JAEGER – Esquadrão, alto! Descansá! (*os recém-chegados tomam assento em mesas diferentes em que já estavam sentados os tecelões, e entabulam conversação com eles*)

HORNIG (chamando Baecker) – E aí, o que que isso qué dizê? Que que vem fazê essa gente tuda?

BAECKER (com um tom significativo) – Tarvez isso quera mermo dizê arguma coisa. Num é, Maurice?

HORNIG – Vamo nessa! Nada de fazê bestera.

BAECKER – Já correu sangue. Quê vê? (*ele dobra sua manga, e lhe mostra os ferimentos sangrentos no braço. Muitos jovens tecelões, nas outras mesas, fazem como ele*) A gente foi se vaciná cum o dr. Schmidt.

HORNIG – Agora tô entendeno. Num espanta que tenha tanto baruio nas rua quano tem tanto moleque desgarrado como ocê.

JAEGER (em voz alta, se fazendo de fanfarrão) – Dois copo, Welzel, depressinha. Eu que vô pagá. Você acha que num tenho grana. Ouve o baruinho das moeda no meu borsó. Se quisesse, podia me pagá guardente e café até amanhã de manhã, igual um caxero viajante. (*risos entre os jovens tecelões*)

CAIXEIRO VIAJANTE (com um espanto cômico) – É de mim que você quer falar? (*Welzel, sua mulher e sua filha, bem como Wiegand e o caixearo viajante, riem.*)

JAEGER – Em boca fechada num entra mosca.

CAIXEIRO VIAJANTE – Me permita, jovem, você me parece muito afeito ao seu negócio.

JAEGER – Sim, num tem do que me lamentá! Viajo vendendo confecção; de sociedade com um fabricante! Mais o tecelão morre de fome, mais encho meu panduio. Num tem mermo do que me lamentá.

BAECKER – Falou e disse. Viva o Maurice!

WELZEL (trouxe aguardente. Enquanto volta ao balcão, para um instante, indo na direção dos tecelões sem nada perder de sua fleugma e sua bonomia, e lhes diz tranquilamente) Deixem esse senhô tranqilo, ele num fez nada pr'ocês.

VÁRIOS JOVENS TECELÕES – Nem a gente fez quarqué coisa pr'ele. (A senhora Welzel trocou algumas palavras com o viajante. Ela pega a xícara de café bebida pela metade e a leva para a sala vizinha. O viajante a segue, acompanhado das risadas dos tecelões. Os tecelões cantam alguns versos da canção do segundo ato - Nossa casa é nossa prisão, / O Dreissiger nosso carcereiro) – Pschtt, pschtt! Cantem onde ocês quisé, mai aqui num quero.

PRIMEIRO VELHO TECELÃO – Ele tá certo, tem de ficá queto.

BAECKER – Mais tem de passá ainda uma veiz na frente da casa do Dreissiger, e cantá lá pr'ele, té ele sabê cantá de cor.

WIEGAND – Ocês fazia mió de passá reto, ele bem podia dá um chute nas bunda d'ocês. (*Risadas e protestos*)

O VELHO WITTIG (um ferreiro de cabelos brancos, sem boné, com avental de couro e tamancos, coberto de fuligem, como se viesse da forja, entrou e espera de pé, no balcão, onde lhe servem um copo de aguardente.) – Bom, que faça uma boa gazarra por lá. Cão que ladra num morde.

VÁRIOS VELHOS TECELÕES – Wittig, Wittig!

WITTIG – He he! Tô aqui! Quê que manda?

OS MESMOS VELHOS TECELÕES – Ora, é o Wittig mesmo. – Wittig! Wittig! – Vem pra cá, véio, senta aqui. – Vem aqui c'a gente.

WITTIG – Só se fô pra já.

JAEGER – Mais vem então, bebe aí c'a gente.

WITTIG – De jeito nenhum. Guarda essa droga de aguardente aí. Eu pago aquilo que bebo. (*ele se senta com seu copo de aguardente perto de Baumert e Ansonge. Dando um tapinha na barriga de Ansonge*) Qué que é que esses tecelão tão comeno? Chucrute temperado com pioio?

BAUMERT (exaltado) – É isso aí, e vão ficá sastifeito por bastante tempo.

WITTIG (simulando espanto, e olhando Baumer com cara de besta) – Ah! Cuma é que ocê diz uma coisa dessa! (explodindo de rir) É isso aí, moçada, é de morre de gargaiá! O véio Baumert, que qué se revortá! Amanhã vão sê os jove, e depois os alejado e inda depois os maneta. Oh! Isso vai sê muito divertido! (continua a se torcer de rir)

O VELHO BAUMERT – Pode creditá em mim se quisé, Wittig, nunca mudei de pinião: si cada um de tudo mundo fizesse sua parte, tudo caminhava mió.

WITTIG – Que que qué dizê com “cada um fazê sua parte”? Você imagina que tudo mundo ia se dá bem! Por acaso chegaro a se entendê lá na França naquela tar de Revolução? Aquele tal de Robes...Robespierre lisonjeava os rico? Naqueles tempo lá os aristocrata era tudo levado pra cadeia. E dali pra guiotina! Nem tudos ganso morre pela boca, tem que esganá eles, feito galinha.

VELHO BAUMERT – Se pelo menos eu tivesse um poco de que sobrevivê...

O PRIMEIRO VELHO TECELÃO – Tamo enterrado nessas águas intê os pescoço!

O SEGUNDO VELHO TECELÃO – Ninguém simplesmente se atreve a vortá pra casa! Trabaiano ou dormino a gente morre das duas manera.

O PRIMEIRO TECELÃO – A gente já vai começano a perdê as cabeças.

ANSORGE – Num tá se preocupano cum mais nada; pra mim tanto faz cuma tanto feiz.

VÁRIOS VELHOS TECELÕES (com uma exaltação crescente) – Num se tem paiz em canto argum. – Nosso coração vai rebentá quarqué hora. – Lá na nossa aldeia de Steinkunzen já tem um que ficô loquinho da cabeça. – Tem um outro que passa o tempo tomando banho pelado no riacho.

UM TERCEIRO VELHO TECELÃO (levanta-se e fala como um iluminado, levantando um dedo para o céu num gesto de ameaça) – Tem ruídos no céu. Não frequentem os ricos e poderosos. Nosso Senhor Zebaot... (*muitos dos presentes me põem a rir. Fazem o velho se sentar de novo em sua cadeira.*)

WELZEL – Basta um copinho de aguardente e esse aí já começa a vomitá as palavra certinha dele.

O TERCEIRO VELHO TECELÃO (retoma no mesmo tom) – Esperem, esperem. Vocês não creditam nem em Deus nem no diabo. Tão nem aí pra religião...

PRIMEIRO VELHO TECELÃO – Tá tudo em orde, veinho, dexa a gente em paiz.

BAECKER – Por quê? Dexa o véio recitá aí suas profecia. Bem pode dá arguma esperança pr'um e otro.

MUITAS VOZES (*em tumulto*) – Sim, sim, dixa o home falá.

TERCEIRO VELHO TECELÃO (*ainda elevando a voz*) – Sim, disse o Senhor: Inferno, o inferno para os ricos, pois o reino dos céus não é para eles. O inferno o inferno para os ricos. (*tumulto*)

BAECKER – Então, nós, os otro, os tecelão de argodão, a gente num tem nada a temê. (*risos*)

HORNIG – Pros tecelão de juta, vai tudo inda mais mali. Eles tudo tem cara de fantasma. Vocês aí, do argodão, inda tem um poco de esperança.

WITTIG – Bem, mais você acha que isso num pode piorá? O fiozinho de força que resta, os patrão logo vão achá um jeito de usá lá pr' eles.

BAECKER – Caraio, os tecelão vão acabá trabaiano por dois pau.

VÁRIAS VOZES DE TECELÕES – E já tem arguém pensano nisso?

BAECKER – O seu Dreissiger disse que tem.

UM JOVEM TECELÃO – Aquele bosta! Vamo pendurá ele num poste.

JAEGER – Escuta aqui, ô Wittig. Ocê tá sempre falano dessa Revolução Francesa, tá sempre c'a boca cheia. Tarvez seja uma boa casião d' ocê podê mostrá o que que a gente pode fazê, se já tamo tudo fudido fudidaço ô só no mato sem cachorro.

WITTIG (*com muita raiva*) – Então cala a boca, caraio, já ouviu as bala assobiano? Já teve lá na frente da bataia contra um país inimigo?

JAEGER – Então não fica com raiva. A gente é camarada da gente. Eu num ia querê te ferí.

WITTIG – Tô cagando pra tua camaradage. Tu é um fundo de penico, num passa de um garganta. (*Entra o guarda Kutsche*)

VÁRIAS VOZES – Pscht, pscht, a polícia! (*murmura-se por longo tempo. Finalmente o silêncio se estabelece por completo*)

KUTSCHE (*vai se postar perto da coluna do centro*) – Eu gostaria de um copo. (*novo silêncio*)

WITTIG – E aí, Kutsche, chegou na hora certa.

KUTSCHE (*sem ouvir Wittig*) – Bom dia, mestre Wiegand.

WIEGAND (*no canto diante do balcão*) – Bom dia, Kutsche.

KUTSCHE – Como vão as coisas?

WIEGAND – Nada mal, obrigado.

BAECKER – Pro resto de nós, aqui, o patrão se pela de dor no estoma por causa do tanto de grana que a gente ganha. (*risos*)

JAEGER – O Welzel pode dizer, a gente se regala de presunto e de chucrute e de bons assados e com um monte de doces. E o rio de champanhe que a gente bebe. (*risos*)

KUTSCHE – Vocês não vão ficar contentes nem quando tiverem champanhe e um belo assado. Eu não tomo champanhe e não acho que viva mal.

BAECKER (*apontando o nariz de Kutsche*) – Ele se lava o narigão com cerveja e aguardente. Por isso que vai ficar maduro como um tomate. (*risos*)

WITTIG – Ah! como trabaia um policial! Tem que metê no prego o pobre diabo que tá morreno de fome; e depois paquerá as bonita fia dos tecelão; a menos que tenha sido

impedido de dá uma surra em sua muié, que sempre acaba correno pra casa do vizinho; e despois fazê suas ronda a cavalo, e despois tomá seu gordo café da manhã e dormí no quentinho. É bastante cômodo vivê dessa manera!

KUTSCHE – Sempre falando demais, meu amigo, cuidado, uma hora alguém vai te pegar. Faz tempo te observamos; o governador sabe dos discursos ruins que você vive fazendo. E conheço um sujeito que tá no bico de, por conta de sua bebedeira e da desordem que você apronta, levar a mulher e os filhos dele para o hospício e ele pra prisão. Sim, meu camarada, fique com medo. Sua hora vai chegar.

WITTIG (*rindo com amargura*) – Quem que inda pode sabê pr'onde que é que eu vô? Porque se fô pra í pr'onde ocê diz, isso pode sê verdade mermo. (*com raiva*) Mais se isso num contecê nunca, vô sabê d'onde que isso veio, quem que me dedurô pros patrão e fabricante e as otoridade, e que me impede qu'eleis me dê trabaio. Eu sei muito bem quem foi que feiz as cabeça dos camponês e dos molero contra mim, que eles num me leva mais seus cavalo pra ferrá nem ruas roda pra mim consertá. Eu conheço direitinho esse um aí. Essa besta idiota, eu derrubei ele do cavalo, porque tava quase chicoteano o desgraçado dum pivete que tinha coído umas pera verde de uma árve. Então, posso te dizê uma coisa: ocê me conhece, se um dia ocê vinhé me busca pra levá pra cadeia, pode fazê seu testamento antes de me pegá. Me dexa e dizê uma coisa, eu pego a primera coisa que me caí nas mão, uma ferradura, ou um martelo, ou um barde, ou uma bengala ou pedaço de pau e, na hora que fô te procurá na tua cama, tiro você do lado da tua puta, vô moê tua garganta, tão certo isso cuma me chamo Wittig. (*faz menção de se atirar contra Kutsche*)

VÁRIOS TECELÕES (*segurando-o*) – Para, para, qué que é isso, Wittig, num faz nenhuma bestera!

KUTSCHE (*levantou-se involuntariamente. Está muito pálido. Dizendo o que segue, ele se retira. À medida que se aproxima da porta, sua coragem aumenta. Diz as últimas palavras já no umbral da porta, e logo desaparece*) Qué que foi que te fiz? Num tô falano cum ocê não. Falo de um e de outro, no geral. Num te fiz nada, tô poco ligano pr'ocê. Mai oceis aí, escute o que vô dizê: O comissário proibiu de cantá aquela musiquinha... oceis sabe quar que eu quero dizê. E si inda ela fô ouvida seno cantada nas rua, oceis vão sê preso, e aí vai podê cantá o quanto quisé. (*sai*)

WITTIG (*grita para ele*) – Ocê num tem nada que proibí, e se a gente quisé cantá intê pra tuda Reichenbach escutá a gente, e se a gente quisé cantá tão forte que os casarão dos fabricante patrão caí em cima das cabeça deles, e faça uma marmelada de todos empregado, isso vai sê por vontade nossa, ninguém tem nada a ver cum isso.

BAECKER (*levantou-se enquanto Wittig falava; fez sinal para todos se calarem, depois entoa o canto, seguido por todos*)

Nós tudo, que de canalha é chamado,
Nós tamo na merda, nós tamo esgotado,
Morre num morre, num tem fim essa desgraça.
Era mió metê numa cova nossa carcaça
Com nossos fio e nossas fia
C'a mortaia que a gente tece tudo dia.

(O estalajadeiro tenta fazer silêncio, mas ninguém o escuta. Wiegand tapa seus ouvidos. Os tecelões se levantam, e seguem, cantando a estrofe seguinte, Wittig e Baecker, que deram com gestos um sinal de partida.)

Patrão e país vamo derrubá,
Que pisoteia na gente com seus casco!
Os contramestre é nossos carrasco,
Mais nunca vamo sofrê ou chorá
Com nossos fio e nossas fia
C'a mortaia que a gente tece tudo dia.

(Agora os tecelões estão cantando a estrofe seguinte na rua. Alguns jovens aprendizes ficaram no salão, ocupados em pagar suas contas. Quando a estrofe seguinte é terminada, só restam na sala Welzel, sua mulher, sua filha, Hornig e o velho Baumert.)

Nossa casa é nossa prisão,
Os Dreissiger nossos carcerero
Mas tecemo em nossos aguiero
Tua mortaia, Alemanha-nação;
Nossos fio e nossas fia merece
Muito mais que a mortaia que nós tece.

WELZEL (recolhendo tranquilamente os copos vazios) – Eles tão um tiquinho exartado hoje. (O velho Baumert se levanta para ir embora.)

HORNIG – Fala aí, então, Baumert, qué qu'eleis vão fazê?

VELHO BAUMERT – Vão lá na casa do Dreissiger pra pedí aumento.

WELZEL – Ocê concorda com essa besteirada toda?

VELHO BAUMERT – Bom, veja ocê, eu, num sei de nada. Os jove, eles que vão na frente. Quano a gente fica véio, só tem se seguí eles. (sai, um pouco confuso.)

HORNIG (se levanta) – Eu ia ficá espantado se num contecesse uma desgraça.

WELZEL – Té com os mais véio, que num liga pra isso!

HORNIG – Tudo mundo tem um desejo desses na ideia.

QUARTO ATO

(Em Peterswaldvau.)

Gabinete particular do fabricante Dreissiger, luxuosamente mobiliado no estilo frio da primeira metade do século 19.

As boiseries, o fogão a lenha e a porta são brancos; tapete de flores pequenas, de linhas retas, de um tom frio, cor de ardósia. Canapés e poltronas de acaju, ricamente esculpidos e cobertos de vermelho. Móveis e cadeiras sortidas, e dispostas como segue: à direita, entre duas janelas com cortinas adamascadas de cor cereja, está a mesa-secretária, que fecha por um panô deslizante. De frente, do outro lado, o sofá, e bem perto dali o cofre-forte. Diante do sofá, uma mesa, com cadeiras e banquinhos. Na parede do fundo, uma panóplia. As paredes estão parcialmente cobertas de quadros ruins em molduras douradas. Acima do sofá, um espelho de moldura rococó, com moldura estridente. Uma porta simples à esquerda leva ao vestíbulo; no fundo, uma porta com dois batentes une o gabinete a um salão, também magnífica e ridiculamente sobre carregada de móveis de mau gosto.

Percebem-se no salão duas mulheres, Sra Dreissiger e Sra Kittelhaus, ocupadas em admirar os quadros. Mais longe, o pastor Kittelhaus, em conversa com o teólogo e preceptor Weinhold.

KITTELHAUS (um pequeno homem amável, entra em cena conversando gentilmente com Weinhold. Ambos fumam charuto. Ele para, olha ao seu redor e, vendo que estão sozinhos, balança a cabeça com um ar espantado.) – Mas não existe aí nada de extraordinário, meu caro monsieur, o senhor é jovem. Nós outros, gente velha, quando tínhamos sua idade, compartilhávamos, não digo as mesmas opiniões que vocês agora, mas em tudo semelhantes. Oh! Sim, em tudo semelhantes. E, meu Deus, como é bom quando se tem belas ilusões, quando se é jovem. Infelizmente, elas duram só um instante! Um almoço ao sol, meu caro monsieur. Apenas espere ter minha idade. Quando se pregou por trinta anos, cinqüenta e duas vezes por ano, sem contar os dias de festa, termina-se por ficar mais tranquilo. Lembre-se do que lhe digo, meu caro amigo, se está tentado a deixar as coisas irem um pouco mais longe.

WEINHOLD (19 anos, pálido, magro, grande de longos cabelos loiros, muito lisos. Tem movimentos agitados e nervosos.) - Sim, sim, meu bom amigo, talvez o senhor seja um espírito um pouco exaltado - (num tom de crítica) e o senhor o é – o senhor até mesmo poderia se mostrar violento diante das circunstâncias atuais. Mas tudo vai terminar por se acalmar, vai ver. Eu sei, temos confrades que, mesmo em idade bastante avançada, ainda se ocupam das ideias dos jovens. Há aqueles que pregam contra o alcoolismo e fundam sociedades de continência; outros redigem brochuras que, Deus do céu, são leituras maçantes demais. Mas onde tudo isso vai levar? A miséria de nossos tecelões, onde existe miséria, não é aliviada. Tudo isso perturba nossa sociedade. Não, veja o senhor, todos se intrometem no que acham que lhes diz respeito. Contentemo-nos em pregar a palavra de Deus, e quanto ao resto deixemos por conta daquele que propicia alimento aos filhotes das aves e tece suas vestes com os lírios dos campos. – Mas eu gostaria de saber onde nosso anfitrião pode ter ido.

SENHORA DREISSIGER (entra, seguida da esposa do pastor. É uma mulher de 30 anos, bonita e de forte constituição. Pode-se notar um certo desacordo entre sua maneira de falar ou gesticular e a elegância de sua rica toalete.) – O senhor tem razão, monsieur Pastor. Coisa do Guillaume. Se lhe passa quarqué coisa pela cabeça, ele sai de fininho e me deixa boba aqui parada. Já recravei disso cum ele, mais a gente pode dizê pr'ele tudo o que se quisé, que ele num se desmenda.

KITTELHAUS – Cara madame, quando se vive tão ocupado com os negócios...

WEINHOLD – Se não me engano, deve estar acontecendo alguma coisa lá embaixo.

DREISSIGER (entra, parecendo bastante excitado) – E então, Rosa, o café está servido?

SENHORA DREISSIGER (fingindo não ter ouvido) – Por que ocê se manda sempre dessa manera?

DREISSIGER (sem insistir) – Ah! se você soubesse.

KITTELHAUS – Me desculpe, monsieur Dreissiger, o senhor está tendo alguma preocupação?

DREISSIGER – Tenho essas encheções de saco todo dia que Deus me dá, caro monsieur pastor. Já tô habituado a isso... Rosa? Você cuida disso? (A senhora Dreissiger se afasta de mau humor, e vai puxar várias vezes violentamente o comprido cordão rebordado da campainha. Dreissiger dá alguns passos, depois se dirige a Weinhold.) Eu gostaria que o senhor estivesse lá, o senhor teria visto alguma coisa... Mas, vamos começar nosso joguinho de cartas.

KITTELHAUS – Mas sim, sim, oh! Sim Sacuda todas as suas preocupações e nos entre-guemos a esse pequeno prazer juntos.

DREISSIGER (*que se adiantou até à janela, afasta uma cortina e olha para fora. Involuntariamente*) Mais um grupinho de vagabundos! – Vem ver, Rosa! (*Ela se aproxima dele*) Me diga pra mim: aquele lá de cabelo de fogo...

KITTELHAUS – É o sujeito que chamam de Baecker o ruivo.

DREISSIGER – Não foi ele que te insultou faz dois dias?... Você se lembra, foi você que me contou, na hora em que o Jean te ajudava a subir na charrete.

SENHORA DREISSIGER (*fingindo-se surda*) – Sei mais quem é não.

DREISSIGER – Trate de se lembrar. Eu tenho de saber quem é. Já me tô de saco cheio dessas insolências. Se for ele, acho que tem que levar fumo. (*Ouve-se a canção dos tecelões.*) Olha aí, escuta, escuta só a merda que fazem!

KITTELHAUS (*empolgando-se*) – Ah! realmente, isso não vai acabar nunca! Tenho que concordar que é preciso fazer a polícia intervir. Me deixe ver também. (*Ele se aproxima da janela.*) Olha lá, monsieur Weinhold, não são apenas jovens, também há, na massa, homens maduros, homens que há tempos eu tinha como sérios e honrados, e tementes a Deus! Eles fazem parte daquela balbúrdia, misturam-se a toda aquela desordem, estão pisoteando as leis divinas. O senhor ainda vai ficar do lado dessa gente?

WEINHOLD – Claro que não, monsieur pastor. – Quer dizer, monsieur pastor... *cum grano salis*.¹¹ São uma pobre gente esfaimada, ignorante. Eles comunicam seu descontentamento do jeito que podem. Não se deve esperar que essa pobre gente...

SENHORA KITTELHAUS (*pequena, magra, desbotada, parecendo mais uma moça velha do que uma esposa.*) – Monsieur Weinhold, por favor...

DREISSIGER – Monsieur teólogo, lamento lhe dizer... não o recebi em minha casa para que o senhor me faça uma conferência humanitária. Eu lhe peço se restrinja à educação de meus filhos, e permita que eu me ocupe sozinho do que diz respeito apenas a mim. O senhor me comprehende?

WEINHOLD (*pálido, permanece imóvel por um instante, depois se inclina com um sorriso forçado, e diz suavemente*) – Certamente, monsieur Dreissiger. Certamente, eu o comprehendi muito bem, e já previa que isso aconteceria. E o que diz se ajusta perfeitamente ao meu desejo. (*ele sai*)

DREISSIGER (*brutalmente*) – Vá, monsieur, deixe-nos o mais cedo possível. Vamos precisar do seu quarto.

SENHORA DREISSIGER – Ora, que que é isso, Guillaume!

DREISSIGER – Perdeu o juízo, madame? Vai se meter agora a defender um homem que desculpa abominações e horrores como essa cançozinha abjeta.

¹¹ **Cum grano salis:** "Com um grão/uma pitada de sal"; com alguma ressalva ou algum ceticismo, assumindo-se que há possibilidade de falha; com ponderação, com parcimônia, com certa ressalva; com um pé atrás; emprega-se também para dar a entender que o que se diz não deve ser tomado a sério, porque leva certa dose de bom humor e malícia; no direito processual, prova ou afirmação recebida como pilharia, graça, piada.

SENHORA DREISSIGER – Mas, meu querido, ele chegô a se descurpá de verdade!

DREISSIGER – E então, monsieur pastor, sim ou não, ele assumiu a defesa daqueles animais?

KITTELHAUS – Monsieur Dreissiger, é preciso perdoá-lo por causa de sua juventude.

DREISSIGER – Não comprehendo porra nenhuma. Esse rapaz é de uma boa e honrada família. O pai dele foi empregado durante quarenta anos, e ninguém tinha um nada a dizer sobre ele. A mãe estava tão feliz que ele tivesse encontrado um bom emprego entre nós! E agora... esse bosta mostra que nem sabe se aproveitar disso!

PFEIFFER (*abrindo bruscamente a porta que dá para o vestíbulo, gritando*) – Seu Dreissiger, gaiolaro um ma-ni-fes-tan-te. Tem que í lá vê.

DREISSIGER (*vivamente*) – Já chamaram a polícia?

PFEIFFER – O comissário já tá subino pela escada.

DREISSIGER (*na porta*) – Seu devotado servidor, monsieur comissário, apraz-me que tenha vindo. (*Kittelhaus faz as senhoras compreenderem, com sinais, que é melhor se retirarem. Ele, sua esposa e a senhora Dreissiger saem do salão.*) Monsieur comissário, finalmente consegui fazer meus operários tintureiros prenderem um dos principais agitadores. Não podia mais suportar por tanto tempo a insolência dessa gente. Eles têm uma audácia que ultrapassa todos os limites. É revoltante. Tenho convidados em casa, e esses... são o próprio descaramento... Minha mulher se sentiu ultrajada. A vida de meus filhos não está em segurança. E estou constrangido a ver meus hóspedes maltratados. Eu lhe asseguro que se, numa sociedade civilizada, fatos semelhantes pudessem ficar impunes, se gente como minha família e eu tivesse que ficar exposta às injúrias e às artimanhas dessa escória... realmente... realmente... isso seria o desespero total.

COMISSÁRIO DE POLÍCIA (*um homem de cerca de cinquenta anos, de altura média, corpulento, afogueado. Veste um uniforme da cavalaria com um sabre dependurado e esporas.*) Mas... com certeza não, absolutamente não, monsieur Dreissiger. Confie em mim. E não se preocupe, estou à sua disposição. É muito natural... E ouço com prazer que o senhor já fez prenderem um daqueles arruaceiros. É preciso terminar agora, com efeito. E existem ali alguns vadios que estou observando há um bom tempo.

DREISSIGER – Moleques ainda, vagabundinhos safados, que têm medo do trabalho, que não querem fazer nada, corrompidos morais que passam a vida nos cabarés bebendo até seu último centavo. Mas resolvi acabar com todos esses vermes. Tanto no interesse de todo o mundo quanto em meu próprio interesse.

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Evidentemente, monsieur Dreissiger, evidentemente. Ninguém poderá achar ruim. E no que depender de mim...

DREISSIGER – A gente devia furar todos eles na baioneta.

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Perfeitamente. Deverá servir de exemplo.

O POLICIAL KUSCHE (*entra e assume uma postura militar. A porta do vestíbulo ficou aberta; e se ouvem passos surdos na escada.*) – Seu comissário, sobre o que o senhô mandô a gente fazê, a gente aferrô aí um sujeito.

DREISSIGER – Monsieur comissário, gostaria de ver esse homem?

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Mas com certeza, claro que sim. Vamos interrogá-lo, dar-lhe um bom apertão. Eu só lhe pediria, monsieur Dreissiger... Não se preocupe, eu lhe darei todas as informações.

DREISSIGER – O que o senhor me diz não pode ser suficiente, esse homem tem de ser submetido a julgamento.

JAEGER (*segurado por cinco tintureiros, que têm as mãos e o rosto e as roupas cheias de manchas coloridas, pois que vieram do seu trabalho. O prisioneiro tem o boné atravessado na cabeça; demonstra uma gaiatice insolente, levada ao mais alto grau pelos inúmeros goles que há de ter tomado*) – Cambada de canaia!... E é essas coisa que fala dos operário fingindo ser camarada. Mais em vez de traí desse jeito os cumpanhero, eu preferia me cortá as mão. (A um sinal do comissário, Kutsche vai retirar o prisioneiro das mãos de seus camaradas. Jaeger agora está livre. Conserva a mesma atitude insolente. As portas estão guardadas ao seu redor.)

COMISSÁRIO DE POLÍCIA (*energicamente, para Jaeger*) – Tira esse boné, seu vagabundo! (Jaeger tira seu boné, mas lentamente, e sem parar de zombar.) Como você se chama?

JAEGER – E então, fala aí, os porco ficô tudo junto agora? (*movimento entre os assistentes*)

DREISSIGER – Ah! que insolência!

COMISSÁRIO DE POLÍCIA (*muda de cor, vai explodir de raiva, mas se contém*) Você vai pagar por isso... Já te perguntei seu nome? (Jaeger não responde. O comissário continua, com raiva) Fala, seu vadio surdo, ou vou acabar com seus ouvidos.

JAEGER (*sempre caçoando, e sem parecer ter ouvido o comissário, entrevê, por cima das cabeças, uma criada bonita, que acaba de chegar, trazendo café e que fica parada à distância impossibilitada de avançar pela quantidade de pessoas à sua frente.*) He! Fala aí, bela Emília, tem mesmo um monte de gente aqui, tá dando uma recepção, é? Que felicidade a sua! Mas o vento pode virá, beleza, e basta uma hora pra tudo mudá. (A jovem olha fixamente para Jaeger, e quando ela comprehende que é a ela que ele se dirige, fica vermelha de vergonha, esconde os olhos com a mão, e se retira, abandonando ali a bandeja com o café. Novo movimento entre os assistentes.)

COMISSÁRIO DE POLÍCIA (*quase fora de si, para Dreissiger*) – Oh! Que insolência!... (Jaeger cospe)

DREISSIGER – Vergonha humana, você não está num estábulo aqui, comprehende?

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Ah! Minha paciência está no fim. Pergunto outra vez, qual é teu nome?

KITTELHAUS (*que durante a última cena viu e ouviu o que se passava, atrás da porta entreaberta do salão, entra agora, interessado no mais alto grau pelo que viu e ouviu, e todo trêmulo de emoção, ele decide intervir.*) – Ele se chama Jaeger, monsieur comissário. Maurice, não é?... Sim, Maurice Jaeger. (para Jaeger) O senhor não me conhece mais?

JAEGER (*muito gravemente*) – O senhô é o monsieur pastor Kittelhaus.

KITTELHAUS – Mas claro, o seu pastor, Jaeger, seu pai espiritual, aquele que te recebeu na comunidade de fiéis quando você era um bebê no berço, aquele de cujas mãos você recebeu pela primeira vez o corpo do Senhor. Você se lembra ainda! E estou dedicado a te ensinar a palavra divina. É essa sua forma de me agradecer?

JAEGER (*num tom de escolar que baixa a cabeça em vista de uma reprevação*) – Eu já te paguei, já te dei dinhero.

KITTELHAUS – Dinheiro, dinheiro!... Você acha, então, que o miserável dinheiro... Você podia ter guardado seu dinheiro com você, não se fala mais nisso... Que besteira é essa

que disse... Veja, seja um homem honesto, um bom cristão. Pense nos juramentos que fez. Observe os divinos mandamentos. Seja bom e piedoso... Dinheiro! Dinheiro!

JAEGER – Eu virei um quaker,¹² seu pastor, não credito mais em nada.

KITTELHAUS – O que está me dizendo? Quaker! Cale a boca, corrija-se, e não diga palavras que você não comprehende. Para começar, os quakers são gente piedosa, e não pagão como você. Quaker!

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Com sua permissão, monsieur pastor. (*ele se coloca entre Jaeger e o pastor*) Kutsche, amarre as mãos dele.

VÁRIAS VOZES (*do lado de fora, com gritos selvagens*) – Jaeger, Jaeger, entrega ele pra nós.

DREISSIGER (*um pouco assustado, assim como os outros assistentes, se aproxima machinalmente da janela*) – O que isso ainda quer dizer?

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Oh! Estou comprehendendo, eles querem que a gente lhes entregue esse safado. Mas não vou dar a eles esse prazer. Copiado, Kutsche? Pra prisão.

KUTSCHE (*algemas na mão, hesitante*) – Com todo respeito, monsieur comissário, isso aqui era mais cômodo. E tem ali tuda aquela mardita galera, puros demônio desgraçado, monsieur comissário. E tem aquele Baecker, e tem o ferrero.

KITTELHAUS – Permita, monsieur comissário, para não inflamar mais as coisas, não seria melhor tentar uma persuasão? Talvez Jaeger consentisse ele mesmo em nos seguir, ou então...

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – O que o senhor está pensando? E minha responsabilidade? É impossível tentar o que o senhor disse. Vamos, Kutsche, e rápido.

JAEGER (*juntando as mãos e as estendendo rindo para Kutsche*) – Aperta, véio, perta forte, mais forte ainda, mais, mais! Num vai sê por muito tempo. (*Kutsche lhe ata as mãos, ajudado pelos operários presentes*)

COMISSÁRIO DE POLÍCIA – Agora, em frente, marche! (*para Dreissiger*) Se o senhor tem alguma preocupação, indique seis dos seus tintureiros para acompanharem o preso, que vai ficar no meio do grupo. Eu vou na frente, o Kutsche vai atrás. E se alguma besta fizer qualquer coisa pra barrar nossa passagem, será passado no sabre. (*novos gritos de todo tipo*) (*fazendo um gesto de ameaça na direção da janela*) Canalhas, vou fazer vocês chorarem, esperem pra ver. Avante, marche! (*sai à frente, sabre para o alto. Os outros seguem com Jaeger*)

JAEGER (*grita, caminhando*) – Essa madame Dreissiger pode se pavonear e se exibir, ela num é mió que nós. Meu pai muitas veiz pagou pr'ela três centavo de aguardente. Companhia, esquerda vorvê! Marche! (*sai, caçoando*)

DREISSIGER (*após um silêncio, e parecendo calmo*) – O que o senhor acha disso, monsieur pastor? Vamos voltar ao nosso baralhinho? Eu acho que não existe mais nenhum obstáculo. (*emite alguns risinhos nervosos, acendendo seu charuto, depois continua, com o charuto aceso*) Agora começo a achar essa história toda um pouco cômica. Aquele indivíduo! (*num*

¹² **Quaker/ quacre:** Designação de vários grupos religiosos, com origem comum num movimento **protestante britânico** do **século XVII**, o Movimento Quaker, criado pelo inglês George Fox. São conhecidos pela defesa do **pacifismo** e da **simplicidade**, rejeitando qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática ativa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. Aceitam Cr isto como a Palavra Divina e a Bíblia como testemunho dessa Palavra.

acesso de riso nervoso) Entretanto, foi tudo completamente ridículo! Aquela discussão à mesa com o teólogo. E cinco minutos depois, entregou sua demissão. E lá se foi ele, com todos os diabos. Depois, essa comédia toda. Enfim! Vamos ao nosso baralhinho.

KITTELHAUS – Sim, mas... (*uivos lá para baixo*) – você está ouvindo essa gente, eles fazem um barulho espantoso.

DREISSIGER – Vamos para a outra sala, ninguém vai nos perturbar lá.

KITTELHAUS (*sacudindo a cabeça*) – Se a gente soubesse o que passa pela cabeça deles! O que dizia o Weinhold... Até agora essa era minha opinião, aqueles tecelões eram uma raça de trabalhadores pacientes, muito humildes e fáceis de controlar. Não pensa a mesma coisa, monsieur Dreissiger?

DREISSIGER – Sim, eles eram pacientes e dóceis, eram pessoas honestas e de bons costumes, até o dia em que esses pregadores de humanitarismo se misturaram a eles. Puseram-se a persuadir todos eles de que viviam na mais negra das misérias. Veja, então, todos esses comitês, essas organizações, essas frentes, essas associações pra remediar a miséria dos tecelões! Eles terminaram por acreditar, se deixaram pegar numa armadilha, e agora a gente é que tem de tirar todos eles de lá! Não param de se lamentar. Não se satisfazem com nada, sempre querem mais. (*Ouve-se de repente, do lado de fora, um hurra formidável que cresce cada vez mais*)

KITTELHAUS – Sim, com todas essas suas ideias humanitárias eles conseguiram transformar aqueles carneirinhos em lobos enraivecidos.

DREISSIGER – Mas então, pensando bem nisso, monsieur pastor, tudo isso pode ter seu lado bom. Não é possível que eventos desse tipo passem despercebidos nos círculos dirigentes. E vão se dar conta de que isso não pode durar mais tempo, que têm de intervir se não se quiser arruinar nossa indústria local.

KITTELHAUS – Sim, mas a que se deve esse recuo, o senhor sabe?

DREISSIGER – Os países estrangeiros se armaram contra nós com tarifas de alfândega que ultrapassam a razão. Todos os melhores mercados se fecharam para nós e a concorrência no interior arruina nossos negócios. Estamos sendo sacrificados, completamente sacrificados.

PFEIFFER (*entrando, pálido, respiração cortada, mancando*) – Seu Dreissiger, seu Dreissiger!

DREISSIGER (*já na porta do salão onde estava a pique de entrar, vira-se com um ar incomodado*) – E agora, o que está acontecendo?

PFEIFFER – Ah! não!... não... Nem pense nisso.

DREISSIGER – E então, o que está acontecendo?

KITTELHAUS – O senhor está nos assustando! Fale o que há.

PFEIFFER (*que ainda não se acalmou*) – Ah! não... não... Nem pense nisso... Ah! não! Essa agora!... Ora veja!... As autoridade... Ah! cada coisa que contece!...

DREISSIGER – Mas puta que pariu, o que é que você tem? Alguém morreu lá fora?

PFEIFFER (*chorando e gritando de medo*) – Libertaro ele... o Maurice Jaeger... espancaro o comissário, e o policial também, foi agarrado e espancado, sem capacete, o sabre rachado no meio... Ah! não, não...

DREISSIGER – Você perdeu a cabeça.

KITTELHAUS – Vai ser uma revolução!

PFEIFFER (*caindo numa poltrona, todo trêmulo, e gemendo*) – Ah! seu Dreissiger, essa merda tá engrossano, vai ficar muito sério.

DREISSIGER – Tem que chamar toda a polícia pra dar um jeito nisso...

PFEIFFER – Antes que fique mais sério e exale um fedô dos inferno.

DREISSIGER – Ah! que diabo essa gente, me deixem em paz.

SENHORA DREISSIGER (*vindo do salão com a esposa do pastor*) – Mas é revoltante, Guillaume, nossa incrivelmente noitada toda estrumbicada. Veja, a madame Kittelhaus nem tá podendo voltar pra casa dela.

KITTELHAUS – Caríssima madame Dreissiger, com efeito, talvez isso seja o melhor a fazer.

SENHORA DREISSIGER – Mas, Guillaume, das vez bastava falá seriamente com essa gente...

DREISSIGER – Ora, se mande, se arranque daqui, vai, some!... (*parando diante do pastor, perguntando-lhe bruscamente*) Por acaso sou algum tirano, pastor? Um espancador de gente?

O COCHEIRO JEAN (*entrando*) – Madame, cabei de trelá os cavalo. Aquele monsieur teólogo já colocou na charrete o Georgin e o Carlin. Se essa coisa aqui melá, ele já pode se arrancá.

MADAME DREISSIGER – O que você quer dizer com essa coisa?

O COCHEIRO JEAN – Sei lá, eu... manêra de falá... Esse monte de gente amontoada gritano lá fora. E acabaro de pegá o comissário e um polícia e dá uma coça neles.

PFEIFFER – Ah! essa droga tá ficano séria, seu Dreissiger, tá ficano séria.

MADAME DREISSIGER (*cujo medo aumenta*) – O que é isso que estão fazendo? O que que essa gente tá querendo? Eles num pode atingir a gente aqui, num é verdade, Jean?

JEAN – Madame, olha só, tem uns cão enraivado lá no mei deles!

PFEIFFER – Ah! essa merda tá ficano séria, tá ficano séria. Já falei.

DREISSIGER – Cala essa boca de vez, seu imbecil. Passaram o ferrolho nas portas?

KITTELHAUS – Me faça um favor... eu lhe peço, me faça um favor... Eu resolvi uma coisa... me faz um favor.... (*para Jean*) Mas o que é que essa gente lá fora está querendo?

JEAN (*embarrassado*) – Eles querem aumento de salário, aqueles imbecil.

KITTELHAUS – Bom, então eu vou sair, e cumprir meu dever, vou falar seriamente com eles.

JEAN – Oh! Não, seu pastor, faz isso não, o que tem pra falá agora...

KITTELHAUS – Caro monsieur Dreissiger, mais que uma palavra: eu lhe peço, coloque gente atrás dessa porta e feche tudo atrás de mim assim que eu sair.

Senhora kittelhaus – Você está mesmo pretendendo fazer isso, Joseph?

KITTELHAUS – Eu quero, eu quero. Eu sei o que estou fazendo. Não se preocupe comigo, o Senhor me tomará sob sua proteção. (*A senhora Kittelhaus aperta a mão dele, depois recua enxugando suas lágrimas. Ouve-se lá fora o barulho surdo de uma grande massa de pessoas que se agitam e gritam.*) Vou fazer, sim, vou fazer como se estivesse voltando tranquilamente para casa... Vou ver se minha função de padre... se essa gente ainda tem um pouco de respeito por mim... vou ver... (*Ele pega sua bengala e seu chapéu.*) Vamos lá, e que Deus me proteja. (*Ele sai, seguido por Dreissiger, Pfeiffer e Jean*)

SENHORA KITTELHAUS – Oh! senhora Dreissiger. (*Ela explode em soluções e o aperta contra o peito.*) Des que ele não se arrume alguma desgraça!

SENHORA DREISSIGER (*como se tivesse a cabeça em outra parte*) – Não sei, madame Kittelhaus, não comprehendo... num sei mais onde eu tô... Isso será possíve? Então... então, é como se ssesse um crime sê rico! Ah! se arguma pessoa me tesse dito isso, não sei, mas tô achano... que era mió eu ficá pobre cumo eu era.

SENHORA KITTELHAUS – Cara madame Dreissiger, em todas as condições existem desgostos e decepções.

SENHORA DREISSIGER – Bom, foi mermo o que pensei... sobre quem possui um pouco mais que as outras pessoa... Senhor Jesus, a gente não robô nada!... Tudo foi ganho centavo por centavo, honestamente. Então num é possíve que eles se coloque desse jeito contra a gente! Por acaso é curpa do meu marido se os negócio tão ino mal? (*O ruído aumenta lá fora. Enquanto as duas mulheres, pálidas, se entreolham assustadas, Dreissiger torna a entrar precipitadamente*)

DREISSIGER – Rosa, pega um mantô e corre pra charrete, vou atrás de você. (*Ele corre para o cofre, abre-o e pega alguns objetos de valor*)

JEAN (*torna a entrar*) – Tá tudo pronto. Tem que mexê esses rabo aí, antes que a porta seje aberta.

SENHORA DREISSIGER (*apertando Jean contra si, num desarranjo mental*) – Jean, meu caro Jean, tem que nos sarvá daqui, meu caro Jean, sarve meus finho. Meu Deus, meu Deus!

DREISSIGER – Ah! seja razoável, mulher, larga o Jean.

JEAN – Madame, pode fica tranqüinha. Os cavalo tão em bom estado, num vão pará nunca de corrê. E aqueles zum que tentá passá a gente, vão tê de passá por cima.

SENHORA KITTELHAUS (*numa angústia sem nome*) – Mas o meu marido?... meu marido?... Monsieur Dreissiger, o meu marido?

DREISSIGER – Fique tranqüila, madame Kittelhaus, ele está bem, fique tranqüila.

SENHORA KITTELHAUS – Não, deve ter acontecido alguma coisa a ele, e o senhor não quer me dizer! O senhor não quer me dizer!

DREISSIGER – Ah! Fique tranqüila, eles vão pagar caro por isso! Eu vi, e bem direito, quem eram eles! E garanto que isso não vai ficar sem vingança. Maltratar daquele jeito o pastor deles! Bestas venenosas, nada mais que isso, enraivecidas, que se deve tratar como merecem! (*para sua esposa, que está como que atordoada*) Mas vai, Rosa, sua tartaruga, vai, se apresse. (*ouvem-se fortes batidas na porta da casa.*) Não tá ouvindo? Eles perderam a cabeça. (*ouvem-se caírem as janelas envidraçadas do térreo*) Não há mais nada a fazer, a não ser fugir, e bem depressa.

VOZES NO TÉRREO (*em conjunto, gritando*) – Pffeifer, cadê ocê, Pfeiffer!

PFEIFFER (*torna a entrar precipitadamente*) – Seu Dreissiger, já tem gente na porta dos fundo. E a porta da frente ó vai aguentá uns três minuto. E tem o Wittig, o ferrero, que bate com um balde de metal como um endiabrado (*ouvem-se mais distintamente os gritos dos tecelões*)

NUMEROSAS VOZES (*do lado de fora*) – Pfeiffer! Pfeiffer! Cadê o Pfeiffer! (*A senhora Dreissiger se manda, como se estivesse sendo perseguida. A senhora Kittelhaus a segue.*)

PFEIFFER (*escuta, empalidece, ouve os gritos dos tecelões e, em sua angústia, permanece um momento como que privado dos sentidos. As palavras que seguem, ele as pronuncia chorando, gemendo, com súplicas e gritinhos lamentosos, embaralhando as palavras. Ao mesmo tempo, cobre Dreissiger de carícias infantis, alisando-lhe as bochechas e os braços, beijando-lhe as mãos e finalmente se agarrando a ele como um afogado, impedindo-o de fazer qualquer movimento.*) – Ah! caro seu Dreissiger, meu pobre monsieur, meu bom monsieur! Não me largue aqui. Eu sempre lhe servi cum fidelidade; as pessoa também num tratava elas mal. Porém num podia dar pr'elas mais que o saláro combinado. Não me bandone, eles qué me matá. Se eles me pega, certeza que vão cabá cumigo. Ah! senhor Deus, senhor Deus! Minha muié, meus fíos!

DREISSIGER (*afastando-se, sempre fazendo vãos esforços para se desembaraçar de Pfeiffer.*) – Mas me larga, ô traste, me solta! Me deixa ir, seu imbecil! Tudo isso vai se arranjar; me solta! (*desaparecem os dois.*)

(O palco fica vazio por alguns instantes. As janelas do salão se quebram. Ouvem-se rangidos formidáveis seguidos de um longo hurra. Em seguida um silêncio. Alguns segundos se passam, ouve-se o barulho de pés tímidos que vêm do térreo para o primeiro andar. E depois chamados hesitantes.)

DIVERSAS VOZES – À esquerda. – Lá em cima. – Pschtt – Mais devagar, mais devagar. – Ajuda aqui, tudo mundo. – Tem coisa ali. – Tamo ino pra festança. – Ocê num vem, não? – etc. etc. etc.

(Jovens tecelões e filhas de tecelões se postam no limiar da porta que leva ao vestíbulo. Não ousam entrar e cada um chega a empurrar seu vizinho para a frente. Mas logo sua timidez desaparece, e a multidão daqueles pobres seres gastos, emagrecidos, doentios, cobertos de farrapos ou trapos mal amarrados, se espalha pelo gabinete e pelo salão de Dreissiger, olhando com um ar medroso, mas com curiosidade. Moças sentam-se nos sofás pelo prazer de se sentarem em sofás; formam-se grupos que consideram com espanto sua imagem nos espelhos. Alguns tecelões mais ousados treparam em cadeiras, para olhar os quadros e os retirar da parede. A todo momento chegam novas figuras.)

PRIMEIRO VELHO TECELÃO (*entrando*) – Não, não, me dexe em paiz. Lá embaixo tão começano a estragá tudo. É uma locura tudo isso. Num tem sentido fazê as coisa dessa manera. E vocês vai ver que no finá das conta, tudo vai é acabá mar. Aqueles que inda têm um poco de razão aqui num vai se misturá. Eu, com tuda certeza num vô me envorvê. (*Jaeger, Baecker, Wittig com seu balde, Baumert e um grande número de jovens e de velhos tecelões entram, como se estivessem perseguindo alguém, gritando todos juntos com vozes enrouquecidas.*)

JAEGER – Qué que foi que rolô aqui?

BAECKER – Sim, onde foi que aquele sugadô de sangue se meteu?

WITTIG – Se a gente pega ele, a gente esfola e enforca.

PRIMEIRO JOVEM TECELÃO – Tem que pegá o véio pelo rabo e jogá pela janela, que ele rebente a cabeça na carçada.

SEGUNDO JOVEM TECELÃO (*que vem chegando*) – Sim, mas o urso véio se escafedeu, tá bem longe agora.

TODOS – Quem?

SEGUNDO JOVEM – Aquele seu Dreissiger.

BAECKER – O Pfeiffer sumiu também?

NUMEROSAS VOZES – Cadê o Pfeiffer. – Vamo procurá o Pfeiffer.

BAUMERT – faiz muito tempo qu'ele fode a gente, vamo atrás da cabeça dele. (*Todos se precipitam para a porta do salão, onde vão começar a saquear tudo.*)

BAECKER – Ocêis aí, pare, escute. Preste um pouco de atenção. Assim que tudo aqui se acabá, vai tê sido só o começo. Daqui a gente tem de í pra Nielau, na casa do Dietrich, aquele dos tear mecânico. Tuda nossa miséria vem daquelas máquina.

O VELHO ANSORGE (*Vindo do vestíbulo. Após dar alguns passos, ele para, olha ao seu redor como se não pudesse acreditar no que está vendo, sacode a cabeça, bate na testa, e diz*) É eu mesmo que tô aqui? O tecelão Antoine Ansorge? Dei de ficá loco aqui, é? É verdade, tudo isso me dexa assim mei fora de si. Qué que foi que fizero aqui? Quem foi? Tudo mundo. Tem do que rí não, véio Ansorge! Eles tirava uma da gente; mas a gente tem de í devagá agora. Querovê quem vai sê doido de me tirá a casa. Se toma a minha, logo tomo a dele. Vai sê assim. Vamo lá, gente! (*Ele corre para a porta do salão gritando. Todos o seguem também dando gritos de alegria.*)

QUINTO ATO

(*Em Langen-Bielau.*)

(*O pequeno quarto-atelier do velho Hilse. À esquerda, uma pequena janela, diante da qual há um pequeno tear. À direita, um leito, e uma mesa bem perto dele. No canto, à direita, o fogão, com um banco. Ao redor da mesa, sentados num banco, e na beira do leito, o velho Hilse e sua mulher, bastante velha também, cega e quase surda; depois seu filho Gottlieb e sua mulher Louise. Estão reunidos para a oração da manhã. Uma roda giratória para bobinar, com um desbobinador, está posicionado entre a mesa e o tear. Nas vigas polidas do teto estão dependurados toda sorte de velhos objetos para tecelões, bem como longas meadas. Muitos utensílios velhos espalhados pelo quarto. O cômodo, estreito e baixo, tem uma porta na parede do fundo que dá para o cômodo principal da casa. Do outro lado, uma outra porta, aberta, deixa ver um outro atelier de tecelão, igual àquele onde se passa a ação. A casa é pavimentada com pedras; tudo parece deteriorado e fora de uso, há uma escada de madeira meio apodrecida que leva a uma mansarda. Pode-se entrever uma banheira, e, dependuradas aqui e ali, tolhas e roupas de baixo em cabides. Há também toda sorte de velhos objetos de limpeza, meio quebrados e sujos. A luz incide do lado esquerdo nos três cômodos.*)

O VELHO HILSE (*Um velhinho de longa barba, que já teve uma forma possante, agora curvado e abatido pela idade, a doença e as privações. É um antigo soldado, que perdeu um braço. Tem um longo nariz pontudo, a pele de um cinza sujo; seus membros tremem. Dir-se-ia que só tem pele e ossos. Tem os olhos fundos e doentios, como todos os tecelões. Após se levantar, assim como seu filho e sua nora, ele reza:*) – Senhor meu Deus, não conseguimo mais te gradecê pela graça que nos deu de nos favorecê inda com esse dia, e de nos tê mantido na tua santa proteção durante a noite que veio de terminá. Senhor, tua bondade não conhece limite, e somo pobre pecadô, nada dino de beijar teus pé, pobres miseráve pecadô que somo! Mai tu, Pai Celeste, te dine de tê piedade de nós,

e dirigí seu oiá pra nós pelos mérito de nosso divino Salvadô. O sangue e os mérito de Jesus são nossa força e nossa glória. Mai se nós se dobra argumas veiz c' a diversidade, se num correspondemo a tudas graças que o Senhor nos dá, Senhor, dine-se nos perdoá nossos pecado. Nos dê paência, ó Pai Celeste, pra que despoi dessa vida de sofrimento, compartilhemo a bençoadá eternidade Amém.

MÃE HILSE (*que ouviu o marido com todas as suas forças, diz em lágrimas inclinada sobre ele*) – Ah! meu véio, tu sempre repete essas oração tão bonita! (*Louise vai para perto da banheira. Gottlieb, no quarto que está do outro lado*)

VELHO HILSE – Onde é que tá a menina?

LOUISE – Em Peterschwalde, na casa dos Dreissiger. Ela ainda preparô argumas bobina durante essa noite.

VELHO HILSE (*falando bastante alto*) – Agora, mæzinha, vou te levá a roda de fiá.

MÃE HILSE – Sim, meu véio, traiz a roda.

VELHO HILSE (*colocando a roda diante dela*) – Ah! Eu bem que queria que ocê num precisasse mais trabaíá.

MÃE HILSE – Bom, meu véio, a gente ia ficá maluco se num trabaíá.

VELHO HILSE – Vou limpá um poco seus dedo, pr'eleis num gordurá os fio. (*ele passa um chumaço de algodão nos dedos dela*)

LOUISE (*perto da banheira*) – Cuma se a gente tesse comido arguma coisa gordurosa!

VELHO HILSE – Na farta de carne a gente come pão seco, - e se num tem pão... come batata. – E se a gente num tem batata... come fôia seca de trevo.

LOUISE – E quano num tem nem farinha da preta, faiz cuma os vizinho Wengler, vai vê donde enterraro argum cavalo morto, pra desterrá ele e vivê uns dia comeno carniça. – Vamo tê que fazê isso agora?

GOTTLIEB (*no cômodo do fundo*) – Ah! Taí você dizeno essas besteira.

VELHO HILSE – Ocê tem de tomá cuidado c'a língua, fia, pra num dizê essas palavra incrédula. (*ele se aproxima de seu tear, e chama*) Gottlieb, tem de me ajudá, tem uns fio aqui pra passa, num tô veno direito.

LOUISE (*sempre perto da banheira*) – Gottlieb, vem ajudá teu pai. (*Gottlieb vem, e os dois se põem no difícil trabalho de passar os fios no pente. Mal começam, vêm Hornig na casa.*)

HORNIG (*à porta do cômodo*) – Boa sorte no trabaio aí.

VELHO HILSE & GOTTLIEB – Ah! brigado.

VELHO HILSE – Diz aí, Hornig, tu num dorme nunca? De dia, o dia todo, faiz aí teu comércio, e de noite fica de vigia...

HORNIG – É que não tô mais dormino.

LOUISE – Bom dia, Hornig.

VELHO HILSE – E então, que que vai dizê de bom?

HORNIG – Ah! boas notíça, mestre; os cara ali de Peterschwalde fizero o diabo Finamente, pusero pra corrê o Dreissiger e o bando todo dele onte de noite.

LOUISE (*manifestando alguma excitação*) – Aí vem o Hornig contano essas mentira de novo!

HORNIG – Jeito nenhum, mocinha, tô dizeno a verdade. Tem uns aeventá bem bonito na minha charrete. Sim, tô dizeno só a verdade. Ah! sim, dero uma sova no cara! Essa noite ele teve de corrê até Reichenbach pra se sarvá. Ah meu, ninguém queria ele em nenhum lugá, porque tudo mundo tinha medo dos tecelão que perseguiam ele e ele teve mesmo que í lá pros lado de Schweinitz.

VELHO HILSE (*colocando com grande cuidado os fios nos buracos do pente, enquanto Gottlieb os pega do outro lado com uma pinça, para os puxar.*) – Agora chega dessas piada, né Hornig?

HORNIG – Quero sê enforcado se tô mentino. É só perguntá pro primeiro pivete que vié de lá.

VELHO HILSE – Quem é de nós dois aqui que tá perdeno a cabeça?

HORNIG – Mas eu te juro que tudo isso é tão verdadeiro quanto dizê amém pra Igreja; eu num tinha falado nada se num tesse tado lá em pessoa, mas eu vi, eu vi tudo eu mermo, cum meus próprio zóio, assim cumo tô veno ocê. Gottlieb. E eles demoliro a casa do home, do fabricante patrão, do porão té o sotão, e quebraro tudo, demoliro tudo, bagunçaro com tudo, os móve, os quadro, os espeio, as portrona, tudo pinchado pelas janela, e esbagaçado lá fora, o diabo! Jogaro fora tomém as cortina! As áqua do riacho num tão correno mais, e ficaro azur de tanto indigo que despejaro nela. E tomém tinha uma nuve de poera azur se mexeno pra cá e pra lá. Não! E depois pusero fogo ni tudo! Sobrô nada nos depósito, na tinturaria, em lugá nenhum. – Pió que nos tempo da guerra.

VELHO HILSE – E foro os tecelão que fez tudo isso? (*sacode lentamente a cabeça com um ar incrédulo. Na porta se juntaram outros habitantes da casa, trazidos pela curiosidade.*)

HORNIG – Bom, uns mais que os otro. Posso até falá os nome deles. Eu levei o governadô na mansão. E conversei bastante. Eles era gentir cumo sempre. E fizero seu trabaio sem se surprendê, mas sério. O governadô falô cum eles, e eles se trataro cum respeito sem dexá de cumprí o seu. E tudo cabô: os móve mais bonito, moído cumo se sesse areia.

VELHO HILSE – Ocê levou o governadô na mansão?

HORNIG – Tenho nada a temê de ninguém, não, me conhecem aí como o lobo branco. Nunca me meti em confusão; e é certo cumo me chama de Hornig, ficaro com pena de mim. E o governadô também, tava na cara, tomém gostô de mim! Veja ocês, a gente nem precisou dizer quarqué palavra; a gente se entendia em silêncço, era quase solene aquilo de vê tuda aquela pobre gente morreno de fome e que se vingava daquele jeito, sem falá nada.

LOUISE (*não podendo mais conter sua emoção, toda trêmula, e enxugando os olhos com seu avental*) – Muito justo, tinha que acabá dessa manera!

VOZES DOS OUTROS HABITANTES DA CASA – É, existe muitos esfoladô de gente pobre nesse mundo. – Aqui mermo tem um. – Ele tem quatro cavalo e seis charrete na estrebaria e é por isso que os operário dele morre de fome.

VELHO HILSE (*ainda incrédulo*) – Mas como é que foi possível tê chegado nisso tudo?

HORNIG – Quem que pode sabê uma coisa dessa? Eles fala uma coisa, fala otra.

VELHO HILSE – Mai o que que tão falano por aí?

HORNIG – Bom, o que escutei foi que o Dreissiger disse que os tecelão tem é de comê capim se num quisé morrê de fome. Só sei disso aí. (*movimento entre os assistentes ao fundo, que repetem palavras com sinais de indignação*)

VELHO HILSE – Escuta, Hornig, tu me conhece. Pode me dizê: “tio Hilse, você já pode morrê amanhã”. E então eu vô te dizê: “por que não?” Você então pode me dizê: “Tio Hilse, amanhã você vai recebê a visita do rei da Prússia...” Té credito. Mais dizê que os tecelão, que é home cumo eu e meu fio, tivesse feito uma coisa dessa, isso num é verdade, num é verdade, jamais vô creditá.

MILIENNE (*bonita garotinha de sete anos, longos cabelos anelados soltos, uma cestinha nos braços, chega saltitando. Ela estende uma colher para a mãe.*) Mamãnhê, óia o que tem aqui nas minha mão. Ocê vai me comprá um vestido cum isso.

LOUISE – Qué que ocê vinha cantano aí? (*com uma emoção sempre crescente*) que que tá trazeno aí? Por onde que você andava, porquera? Num entregô as bobina? Qué que sinifica tudo isso?

VELHO HILSE – Fala, finha, onde que arranjô essa cuié?

LOUISE – Deve de tê fuçado por aí.

HORNIG – Deve de valê bem uns dois três pau.

VELHO HILSE (*fora de si*) -Sai, sai daqui moleca. Se manda rapidinho, vai, ocê não qué que eu te pego um pedaço de pau nas costa. E vê se devorve a cuié que tu robô. Quereno agora que os otro chame a gente de ladrão? Ah se te pego, espera só pra vê! (*procura um pedaço de pau para bater nela.*)

MILIENNE (*chorando, se agarrando à saia da mãe*) – Não, vô... bate não... eu juro que é verdade qu' eu achei essa cuié... Tudas criança que pega as bobina tem cuié iguá...

LOUISE (*dividida entre o medo e a exaltação*) – Vê, aí, pai, o que foi que essa coisa diz que achô por aí...Onde foi, que lugá?

MILIENNE (*soluçando*) – Foi lá... em Peterschwalde, a gente tava fuçano na frente da mansão do Dreissiger.

VELHO HILSE – Ah! Que aventura! Que aventura! Mas se manda, se não quer que eu te ensino a corrê.

MÃE HILSE – Mas que que é isso aí?

HORNIG – Vô te dizê uma coisa, tio Hilse. Mió o Gottlieb ponhá o paletó, pegá a cuié e levá ela pro comissariado?

VELHO HILSE – É justo, vai, põe teu paletó, Gottlieb.

GOTTLIEB (*que está começando a vestir o paletó*) – Sim, sim, já tô vestino. Vou mesmo lá no comissário e vô dizê que num tem nada de mar nisso aqui, que uma piveta como essa não sabia o que tava fazeno. E vô dá pr'ele essa cuié. Vamo, para de chorá, menina. (*A menina, chorando, é levada pela mãe para o cômodo de trás. Louise fecha a porta e volta.*)

HORNIG – Ela vale bem uns três pau.

GOTTLIEB – Me dá um pano, pra não riscá ela. Não, não, um pedaço pequeno, isso aí custa caro! (*ele tem lágrimas nos olhos enquanto embrulha a colher.*)

LOUISE – Dava pra vivê argumas semana com ela.

VELHO HILSE – Te conseio dizê quarqué coisa lá pra se expicá. Some cum essa cuié do diabo! Num quero mais vê ela aqui! (*Gottlieb sai*

HORNIG - Também tô precisano i embora. (*ele sai, fica alguns instantes ainda a falar dentro da casa, depois sai.*)

O CIRURGIÃO SCHMIDT (*um gordo baixinho, que se move como se tivesse dinheiro vivo nas veias; tem a pele rosada de quem bebeu todas. É visto primeiramente entrando na casa.*) – Bom dia aí, todo mundo! Belas história pelo visto na casa hoje! (*ameaçando com um dedo*) Hm essas cara de quem num sabe de nada! (*agora está na porta do quarto*) Bom dia, tio Hilse! (*ainda não entra, e virando-se na direção de uma mulher dentro da casa*) E então, titia, tá tudo bem? Mió, né não? Veja que bom. E o senhor, tio Hilse, eu tinha que vim aqui pra sabê como que vão as coisa aqui. O que que tem a mamãe ali?

LOUISE – Monsieur dotô, tá cum os zóio vermeio, num tá vendo as coisa direito.

CIRURGIÃO SCHMIDT – É bem isso aí, causa da poera e do trabaio de noite. Mai diz aí, ceis tão entendeno as coisa? Peterschwalde intera tá de pé e vem marchano pra cá. Imagine oceis, hoje de manhã, monto na minha charrete, todo despreocupado, saio tranqüinho pra fazê minhas visita, e então começo a escuitá umas coisa muita das espantosa!... Que diabo passô correno lá pelas cabeça daquela gente, Hilse? Tão tudo raivoso que nem um bando de lobo, e vão fazendo revolução, e piando e quebrando tudas coisa... Mas a Milienne, cadê a Milienne? (*a garota, os olhos ainda vermelhos de chorar, é trazida pela mãe*) Oi Milienne, dá uma olhadinha nos meus borsos. (*a menina mergulha a mão no bolso do paletó de Schmidt*) É tudo pr'ocê essas nós aí. Vai... pega... Menina bonitinha! Num qué me cantá uma das suas musiquinha, não? O cravo brigô ca rosa... Vai, canta: o cravo brigou ca rosa... Então, canta o que vem depois... (*ouve-se tocar o sino ao longe*) Escutem: tão tocano os sino lá em Reichenbach. Confusão de novo. É o fim do mundo nessas banda aqui. Que merda!

VELHO HILSE – E eles vão ino mesmo pra Bielau?

CIRURGIÃO SCHMIDT – Sim, cruzei cum eles na estrada. Tem gente pra cacete lá. Mai era de dá dó, deu até vontade de descê pra dá remédio pra todo mundo com aquelas cara de morto andario miseráve. O que num impedia eles de cantá e gritá coisas de fazê tremê e revirá o estoma. Meu cocheiro o Frédéric tremia que nem uma véia. A gente teve de tomá uns gole ali mermo pra guentá aquela miséria toda passá na nossa frente. Eu que num quero tá na pele dum fabricante patrão, mermo e principarmente se eu tesse uns bom mião nas mão! (*ouve-se cantar ao longe*) Escute, té parece um monte de osso chacoiano drento de uma marmita véia. Num dô cinco minuto, eles vão tá aqui, minha gente. Vou embora. E veja se ocês num faz besteira, porque num vai demora pros home mandá uma tropa em cima deles tudo. Se mantenha no sangue-frio. Esses cara de Peterschwalde perdero a cabeça. (*ouve-se um sino tocando mais perto.*) Meu Deus desse céu, agora é nossos sino que tão tocano; eles deve mesmo de tá tudo loco. (*ele sobe num plano mais alto*)

GOTTLIEB (*está de volta, quase sem fôlego. Para um instante na sala do fundo.*) Já vi eles, já vi eles! (*para uma das mulheres que estão escutando*) Eles tão lá pra baixo, tio! (*no umbral da porta*) Eles tão lá, tio. Tão lá pra baixo. Tem um monte de porrete, tem pá, tem machado; e já tão lá no Dietrich fazeno tuda aquela ruaça! Aposto que vão robá tudo dinheiro dele. Senhor Jesus, qué que vai contecê lá! Num quero nem pensá. Tanta gente, tanta, tanta! Se eles cai nas cabeça dos fabricante patrão, tão fudido, sobra nem poera deles!

VELHO HILSE – Porque que ocê veio correno pra cá? Vai acabá pegano de novo tua antiga doença, que vai te colocá de cama outra veiz, sem nada podê fazê, só sofrê.

GOTTLIEB (*um pouco exaltado e quase alegre*) – Eu tinha de corrê, se não eles me pegava. E eles me chamava, queria que eu ajudava. Meu padrinho Baumert tava lá cum eles. E me

chamava gritano pra í cum eles naquela caçada das pataca, que fazia muito tempo que tava tudo morreno cum fome. E eles dizia que meu pai tinha de í também, que precisava fazê o fabricante patrão pagá os crime dele. (*com paixão*) Sim, vai chegá otros tempo, eles dissero; e não vai ser mais igual pr'os tecelão tudo. Tudos tecelão precisava se uní pra ajudá tudo mudá. De hoje em diante a gente vai tê meia libra de carne tudos domingo, e sasicha e chucrute tudos dia de festa porque tudo vai mudá, foi o que disse meu padrinho.

VELHO HILSE (*reprimindo sua cólera*) – Foi o que disse seu padrinho! E ele qué fazê coisas desgraçada como essa! Te dexa engambelá não, Gottlieb. Tem as mão do diabo nessas encrena aí!

LOUISE (*violentamente, dominada por uma exaltação apaixonada*) – Sim, Gottlieb, esquenta o rabo sentado aí no forno; pega uma cuié na mão, e uma tigela de leite batido no joeio, mete um babadô no peito, sussurra suas ave-maria, teu pai vai achá ocê uma gracinha... vai dizê que ocê é um home, há'há! (*risos das pessoas que estão na outra sala*)

VELHO HILSE (*todo trêmulo, mas contendo sua raiva*) – E ocê, que se pretende a mulher mais boa de tudas! Pois bem, só vô dizê uma coisa: num dá pra sê uma boa mãe quano as pessoa fala dos horror que ocê faiz. Cuma é que vai ensiná uma lição pra sua fia depois de tê incentivado teu home a cometê as abominação que ele comete.

LOUISE (*fora de si*) – Aí vem você com seus discurso carola... Foi eles que me impediu de criá minhas criança. Tudos quatro foro brigado a desmilinguí na miséria. Sem tê nada pra cobrí eles, nem tinha nem cuero seco pra pô neles. E o que tá conteceno é que quero sê uma mãe boa, tão ovino, é por causa disso que desejo pros fabricante patrão a peste e tudas as sua desgraça, agora que tô virano uma mãe boa. Num teve um segundo da minha vida que eu num sofri um martírio desdo dia que puis no mundo umas criança que se consumia em sofrimento té que a morte tesse piedade deles. Ocês, ocês se mete aí com essas barata e sai pelas estrada recitando suas ladainha e cantando suas musiquinha enquanto eu ponhava meus pé pra corrê mendigano uma miseráve xícrá de leite. Passei noites e mai noite quebrano a cabeça pra descobrí uma manera de num dexá morrê minhas criança. Que mal qu'elas tinha feito pra sê condenadas daquela manera? enquanto lá em cima no casão daqueles Dietrich, eles dava banho nos fio deles com vinho e leite... Não, tô dizendo pr'ocês, se a dança começa aqui, não é deiz cavalo que vai me fazê pará de dançá. Se fizé marcha lá pros Dietrich, vô sê a primera lá da frente, e ai do bosta que quisé me fazê pará. Porque já tô de saco cheio, já tô de arma cheia dessa miséria!

VELHO HILSE – Você tá toda corrompida por esses... num tem mais remédio!

LOUISE (*toda enraivecida*) – É por causa de gente cuma você que tá tudo sem remédio... Ocês é tudo uns covarde, uns mole de caráte, mas num é home; ocês diz 'deus te abençoe' pra quem cospe nas suas cara, e 'brigado' pra quem enche ocês de pancada. Eles faz ocês cagá nas suas carça com aquelas conversinha pra boi dormí. Ocês num tem mais sangue nas veia, nada nada machuca ocês, ocês me dá nojo, ocês me dá nojo. (*ela sai correndo. Silêncio embaraçado.*)

MÃE HILSE – Qué que foi que deu na nossa Louise, pai?

VELHO HILSE – Mai num foi nada, mæzinha, qué que você acha que pode sê?

MÃE HILSE – Então me diz, pai, é o que eu tô maginano ou é os sino tocano?

VELHO HILSE – Deve de sê só um enterro.

MÃE HILSE – Ah! Por que que não foi minha vez? Por que que a gente demora tanto pra morrê aqui! (*Um silêncio*)

VELHO HILSE (*deixa seu trabalho, se levanta e, com solenidade*) Gottlieb, tua muié falô um monte de barbaridade aqui! Escuta, Gottlieb. (*descobre o peito*) Aqui nesse peito tem uma bala, maió que um dado. E naquele lugá onde perdi meu braço, o rei podia te dizê: 'Num foi os rato que comero.' (*ele vai e vem*) Tua muié, inda num existia ninguém que pensava nela quando eu derramei meu sangue pela pátria. Então, me entenda, você pode dizê o que quisé, é tudo palavras vazia, num vale um peido! Tê medo, eu tê medo!? Mai entâo, tê medo de que? Que tipo de sordado a gente vai mandá contra os reberde? Precisa mais do que sordado sem medo. Se num sô mais flexíve como tigamente, pelo menos inda tenho ossos forte e num tem por aí nada que me meta medo. As baioneta, inda posso espera elas de pé, firme. E tomém num é a morte que me assusta. Ninguém ia rezá por mim. Mió hoje do que amanhã! A gente num tem muita coisa pra perdê! Também num vai tê quem vem chorá essa carçaça véia! Ah! Tuda essa miséria e tudo esse lixo que a gente chama de vida, eu nem me importava de deixa tudo isso pra trás. Mas é depois, Gottlieb, depois, que tem arguma coisa – num ri do que vem depois, porque é coisa séria.

GOTTLIEB – Quem que sabe o que vem depois, ninguém conseguiu vê nada depois!

Velho hilse – Não, Gottlieb, num se deve duvidá da única coisa que dá apoio pra nossa própria gente pobre. Pra que que vai serví eu continuá sentado aqui me matano no trabaio, quase morreno, mais de quarenta ano, e oiá tranqilamente e resignado o ricaço lá em cima que vive na opulença e no deboche e que fica rico de oro com minha fome e minha miséria... Sim, pra que que vai serví, se eu tesse fé e esperança. (*a mão estendida na direção da janela*) Ocê, seu rico, você teve sua parte aqui embaixo, eu vô tê a minha no otro mundo. Eles pode me cortá tudo em pedaço, num vão me robá minha fé. O vangéio diz: 'Existe uma justiça suprema, mas não é nós os juíz; e só o Senhor, nosso Deus, pode estender seu braço vingador.'

UMA VOZ (*pela janela*) – Todo mundo pra fora! Fora!

VELHO HILSE – Não, não, ocês dance tudo quanto quisé. (*volta ao seu trabalho*) Eu vô é ficá quetinho aqui.

GOTTLIEB (*após uma curta luta consigo mesmo*) – Eu também. Vô trabaiá. (*ele sai. Ouve-se o coro dos tecelões, cantado não longe da casa, por algumas centenas de vozes; tudo soa como um longo lamento monótono*)

VOZ DOS HABITANTES DA CASA (*na sala do fundo*) – Ah! miséria, miséria, mai essa agora! Eles vão chegando cumo se fosse formiga! – D' onde é que saiu tuda essa gente? – São os tecelão, olha ali nossos tecelão! – Me deixa vê, me deixa vê, também quero vê. – olha só o porrete na mão daquele ali, que vai indo na frente. – Não, olha... parece um bicho espinhudo!...

HORNIG (*tornando a entrar, e falando com as pessoas da sala do fundo*) – Hei! É mesmo um espetáculo tudo isso aqui. Num se vê uma coisa dessas tudos dia. Ocês devia chega ali em cima na casa do Dietrich tomém. Ah! foi lindo isso! Ocês fizero bonito! Tem mais mansão cumo essa, tem mais fábricas cumo essa. Eles tão bebeno tudas garrafa, nem tira as roia, paf! explode os gargalo, bebe nas garrafa mermo, cuidano de num sangrá as boca. Já tem uns lá caindo de bebo e sangrano como porco. Agora tão ino fazer o serviço lá no Dietrich. (*O canto vai cessando pouco a pouco.*)

VÁRIOS HABITANTES DA CASA – Mas eles nem tinha cara de gente ruim.

HORNIG – Espera um poco, ocês vãovê. Óia só o que eles faiz naquele prédio. E aquele gordinho lá, óia só, que tá carregano um barde. É um ferrero de Peterschwalde, um sacana com sangue nos zóio. Ele tá derrubano as porta mais sólida cuma se magasse um torrão de terra. Infeliz de quem caí nas garra dele.

VOZ DOS HABITANTES DA CASA – Aí, já cumeçô. Tão tacano pedra nas jinela. – O velho Dietrich deve de tá tremeno de medo. – Ele tá mostrano um cartaiz pra eles. – E o que que diz o cartaiz? – Você consegue lê? – Posso tentá, chacoia muito. – Então tá, lê pra nós. (*Ele lê penosamente*) 'E-u- do-u- tu-do-o- que-vo-cês eudoutudo oquevocês qui-se-rem'.

HORNIG – Já tá na hora, e vai ser muito bom! É a fábrica que eles qué! E demolí tudos tear mecânico, que é a ruína de tantos operário, tudo mundo pode dizê isso. E quanto mais marcha agora, arguém pode fazê mais nada, nem governadô, nem comissário – nem os cartaiz que faiz belas promessa. E a gente já viu eles marchano, a gente sabe o que eles pode.

VOZ DOS HABITANTES – Ai ai como tem gente lá fora! – Que é que qué esses daí? – Óia lá, tão passano a ponte – (*com ansiedade*) Tão vino desse lado também – (*cada vez mais ansioso*) Tão vino na nossa direção – Eles qué fazê tudos tecelão saí das casa. – (*todos saem correndo; a mansão fica vazia. Um bando de amotinados, sujos, cobertos de poeira, o rosto inflamado pela bebedeira, parecendo meio selvagens, mas um pouco extenuados pela noite que acabaram de passar, se precipita sobre a casa, gritando:*) Tudo mundo pra fora! – (*eles se espalham pelos diversos cômodos. No quarto do velho Hilse, entram Baecker e alguns jovens tecelões, armados de bastões e de porretes. À vista do velho Hilse, eles hesitam, sua exaltação se esfria um pouco.*)

BAECKER – Tio Hilse, chega de trabaíá. Faz muito tempo que ocê tá labutano nesse tear, tem de dexá ele pra quem gosta dele. Num precisa mais se tormentá. A gente vai cuidá d' ocê.

UM JOVEM TECELÃO – Você num vai mais dormí uma só veiz de barriga vazia.

UM SEGUNDO JOVEM TECELÃO – De hoje em adiante, os tecelão tem de tê uma casa pra dormí e ropas pra vestí seu corpo.

VELHO HILSE - De onde diabo que vocês tão vino cum esses bastão e esses porrete?

BAECKER – É tudo pra quebra as cabeça dos Dietrich.

SEGUNDO JOVEM TECELÃO – Essa lenha aí, vamo dexá ela virá brasa e a gente vai enfiá tudo goela abaixo dos fabricante patrão pra mostra pr'eleis cuma é que a fome queima.

UM TERCEIRO JOVEM TECELÃO – Você vem c'a gente, tio Hilse. A gente num vai tê piedade de ninguém.

SEGUNDO JOVEM TECELÃO – Ninguém teve piedade da gente, nem Deus nem o diabo! A gente vai sabê fazê justiça pra gente mesmo.

VELHO BAUMERT (*entra titubeando, carrega um galo morto na mão. Estende os braços*) – Irmãos... agora, a gente é tudo irmãos. Vem, que vou apertá ocês tudo no meu coração. (*risos*)

VELHO HILSE – Tu tá tudo cheio de gracinha hoje, ô Guillaume!

VELHO BAUMERT – Olha só, é o Gustave! (*todo suave*) Gustave, meu pobre garoto infeliz, vem que te faço um carinho, vem?

VELHO HILSE (*com um ar mal-humorado*) – Me deixa queto.

VELHO BAUMERT – Vamo, vamo, Gustave, o home tem de sê feliz. Vai, óia um poco pra mim, Gustave, diz se num tenho razão. O home tem de sê feliz. Num tenho assim uma cara de príncipe? (*batendo na própria barriga*) Adivinha aí o qué que tenho na barriga! Então, véio, nessa pança aqui tem comida de príncipe... o home tem de sê feliz, tem de comê lebre e bebê champanha... Vô te dizê uma coisa, tu tem de pegá tudas coisa que você pudé.

TODOS (*juntos*) – Falô. Tem de pegá tudas coisa que pudé.

VELHO BAUMERT – E depois que começa se fartá das coisa boa, a gente se sente assim, ó bom Deus, se fica forte que nem um cavalo; nada mais te segura você, você pode se meter em tudas parte, ah faz muito bem se meter!

JAEGER (*no limiar da porta, armado com um velho sabre da cavalaria*) – Ah! a gente deu umas boa sarrafada hoje.

BAECKER – É, a gente tá começano a comprehendê esse bagulho. Em dois tempo e três movimento vamo tá lá drento das casa; e lá – então é tacá fogo em tudo. Dá prazê de vê cuma as coisa crepita e chispa como fogos de artifici.

O PRIMEIRO JOVEM TECELÃO – Tinha de vê o fogo de um lugá passano pro ouro.

O SEGUNDO JOVEM TECELÃO – Vamo lá pra Reichenbach, lá inda tem casas de rico que precisa de pegá fogo.

JAEGER – Eles vai cabá recebano uma nota do seguro de incêndio. (*risos*)

BAECKER – De lá a gente vai pra Freiburg, na casa dos Tromtra.

JAEGER – Ttem que dá uma lição pros funcionário também, pros burocrata; eu li nos jorná que eles é a causa de tuda essa calamidade.

SEGUNDO JOVEM TECELÃO – Depois a gente vai pra Breslau. No meio do caminho a gente vai tê reforço.

VELHO BAUMERT (*para Hilse*) – Vamo, Gustave, bebe primero.

VELHO HILSE – Eu nunca bebo aguardente.

VELHO BAUMERT – Isso aqui já teve bons tempo; mais hoje em dia a gente vive num mundo novo.

PRIMEIRO JOVEM TECELÃO – Nem tudos dia é dia de festa. (*risos*)

VELHO HILSE (*com impaciência*) – Cambada de traste do diabo, qué que ocêis vêm tirá sarro aqui!

VELHO BAUMERT (*um pouco desconcertado e com muita amabilidade*) – E então, veja, eu vim trazê um galô pra mæzinha fazê uma sopa.

VELHO HILSE – Entrega lá pra mæe.

MÃE HILSE (*colocando uma mão em concha atrás da orelha para ouvir melhor, tratou de compreender de que se tratava, e agora empurra Baumert com as mãos.*) – Me deixa queta, odeio sopa de galinha.

VELHO HILSE – Você tem razão, mæe, eu também não gosto. E você sabe, Baumert, preciso te dizê umas coisa. Quano os véio se mete a divagar cumo os jóve, aí é a alegria do diabo. E posso dizê isso pr' ocêis tudo aqui, ocêis pode creditá ni mim, é contra minha vontade qu' ocêis tudo tá aqui. Ocêis e eu, a gente num tem nada em comum, e ocêis num tem nada pra fazê aqui.

VÁRIAS VOZES – Quem que num tá c'a gente, tá contra a gente.

JAEGER (*brutalmente, ameaçador*) – Parece que você tá de lua virada, véio. Mais você sabe muito bem que a gente num é ladrão.

VÁRIAS VOZES – A gente tem é fome.

PRIMEIRO JOVEM TECELÃO – A gente quer é viver, só isso. Foi por isso que a gente cortô a corda que eles queria pendurá a gente.

JAEGER – E que eles se atreva a dizê que a gente num tem razão. (*mostrando o punho ao velho Hilse*) E se você inda dissé uma palavra, te arrebento essa cara.

BAECKER – Para, dexa disso, larga o véio pra lá. Tá vendo, Hilse, a gente prefere mesmo morrê do que continuá viveno iguá que antes.

VELHO HILSE – Eu num vivo dessa manera de hoje tem mais de sessenta ano.

BAECKER – Num importa, tudo tem de mudá agora.

Velho hilse -Só vai mudá no dia de são nunca.

BAECKER – O que eles num dé de boa vontade, a gente vai tomá na marra.

VELHO HILSE – Na marra? (*ele ri*) Pois então vocês pode começa a fazê seus testamento. Eles vai mostrá pra ocês o que é força. Espera só mai um poco.

JAEGER – Por causa dos sordado? A gente também já foi sordado, e num é quarqué bataiôzinho que vai vim atrás da gente.

VELHO HILSE – Tudo isso é palavras no vento. Tudo isso, tô te dizeno. Se ocês acabá com dois bataião, logo vem deiz otro em cima de ocês.

VOZES (*pela janela*) – Óia aí os sordado. Cuidado! (*subitamente, um grande silêncio. Por um instante ouvem-se indistintamente os pífanos e os tambores. No meio do silêncio alguém grita involuntariamente: Eu vô é me mandá daqui. Hilaridade generalizada.*)

BAECKER – Quem foi o idiota que qué se manda? Quem que falô isso?

JAEGER – Quem aí tá se borrando de medo de um tiro e daqueles capacete? Eu vô comandá vocês... já fui sordado, sei cumo é isso.

VELHO HILSE – E ocês? Ocês vai atirá com que? Vai usá esses pedaço de pau pra dá tiro?

PRIMEIRO JOVEM TECELÃO – Larga esse véio pra lá. Tá caducano já. Tem teia de aranha no miolo.

SEGUNDO JOVEM TECELÃO – Sim, é um bestaião esse véio.

GOTTLIEB (*que acaba de entrar sem ser percebido, pega pela garganta o jovem que acabou de falar*) – Vai continuá insurtano o véio, vai?

O TECELÃO – Me dexa em paz, num te fiz nenhum mar.

velho hilse (*interpondo-se*) – Vai, dexa ele, Gottlieb. Dexa ele falá o que quisé, faz mar pr'ele não. Logo ocê vai vê quem tem razão, ele ou eu.

BAECKER – Ocê vem c'a gente , Gottlieb?

VELHO HILSE – Eu tô achano que ele num vai não.

LOUISE (*entrando de novo, grita da sala do fundo*) – Num perde seu tempo ranjano coração pr'uns bandaio como esses, pr'uns merda que num merece nada da gente! Vão ali na

praça, depressa. O comandante tá falano c'as pessoa, do arto do seu cavalo. E tá dizeno pr'eleis vortá cada um pra sua casa. Se num fô logo em seguida, vai tá tudo perdido.

JAEGER (*saindo*) – Tá ali um home que tem corage!

LOUISE – Um home! Onde é que você vê um home ali? Num tenho home não.

ALGUMAS VOZES (*na sala do fundo, cantam*) –

Era uma vez um homenzinho,
Um homenzinho ya-ya-ô.
Que desejava uma mulherona,
Uma mulherona ya-ya-ô!

VELHO WITTIG (*um balde na mão. Desce do andar superior, e vai para a saída. Para um instante na sala do fundo.*) – Avançar! E todos aqueles que não têm preguiça nos sigam! Hurra!! (*Ele se precipita para fora. Um grupo. No qual estão Louise e Jaeger, o segue, gritando: Hurra!!*)

BAECKER – Ocê se comporte, tio Hilse, a gente se vê de novo. (*vai para a saída*)

VELHO HILSE – Num credito que a gente se vê otra veiz. Vô vivê mais cinco ano. E você cum certeza vai pegá pelo menos cinco ano de cana.

BAECKER (*parando, espantado*) – Preso por causa de que, tio Hilse?

VELHO HILSE – Preso de prisão, ora bolas.

BAECKER (*caçoando*) – Vai sê uma sastifação, tio. Pelo meno, vô comê tudos dia tudo esse tempo aí. (*sai*)

VELHO BAUMERT (*que havia caído numa poltrona e estava falando sozinho, agora se levanta*) – É verdade, Gustave, fiquei um poco bebo, sim. Mai, de tudos modo, inda vejo tudo craro, num perdi a cabeça. Ocê tem sua pinião, eu tenho as minha. E digo que o Baecker tem razão, memo que ele acabe na cadeia, lá é sempre mió que aqui; lá eles cuida da gente, num farta nada. E depois, ocê vê, véio, precisa respirá pelo menos uma veiz na sua vida, dá tudo de si uma veiz sem se preocupá donde isso vai dá. (*Ele se dirige lentamente em direção à porta. Adeus Gustave. Se contecê de me contecê quarqué coisa, reza um poquinho por mim. Adeus. (Sai. Os amotinados agora abandonaram a casa. A sala do fundo se enche de novo pouco a pouco com os outros habitantes da casa, levados pela curiosidade. O velho Hilse recomeça a emendar seus fios. Gottlieb foi procurar um machado atrás do fogão e o examina maquinalmente. Ambos, o velho e Gottlieb, estão comovidos, mas se calam. Lá fora se ouve o barulho da multidão.)*)

MÃE HILSE – Mais o que foi, home, o tear tá até chacoaiano! O que que tá conteceno, que que vai contecê?

VELHO HILSE – Gottlieb!

GOTTLIEB – E aí, o que foi?

VELHO HILSE – Deixa esse machado aí no lugá dele.

GOTTLIEB – Eu queria fazê uns graveto, umas lasca menor. (*recoloca o machado no lugar. Um silêncio.*)

MÃE HILSE – Gottlieb, escuta o que teu pai te diz.

VOZES (*cantando diante da janela*) –

O homenzinho ficava em casa,
Ficava em casa ya-ya-ô,
Lavando pratos e panelas
Pratos e panelas ya-ya-ô.

GOTTLIEB (*vacila, e mostrando o punho na direção da janela*) – Seus canaia, vocês tão me provocano. (*ouve-se uma carga de mosquetes.*)

MÃE HILSE (*assustada*) – Senhor Jesus, foi um trovão isso é?

VELHO HILSE (*junta involuntariamente as mãos*) – Senhor, meu Deus, protege esses pobre tecelão, protege meus pobre irmão. (*Um curto silêncio. O velho Hilse permanece em pé, trêmulo.*) Agora o sangue vai escorrê.

GOTTLIEB (*vacilou no momento da descarga de mosquetes, agora aperta convulsivamente o machado na mão, muda de cor, mal pode se conter, tomado por uma angústia profunda.*) Agora a coisa vai fica boa pra valê!

UMA FILHA DE TECELÃO (*que está na sala do fundo, grita para o velho Hilse*) – Tio Hilse, tio Hilse, sai daí da jinela. Uma bala cabô de quebrá uma vridaça.

MILIENNE (*mostrando a cabeça na janela*) – Vô, vô, tão dano tiro de fuzi. Já tem dois ferido aqui. Tem um que girô, girô que nem pião, depois se bateu no chão cumo uma galinha sem a cabeça. E o sangue escorria, guinchava! (*ela desaparece*)

UMA MULHER DE TECELÃO – Eles mataro dois aqui.

UM VELHO TECELÃO (*na sala do fundo*) – olha ali, os sordado tão tacano agora.

UM OUTRO TECELÃO – Óia, óia lá as muié, elas tão lutano cum os sordado, pulano cima deles, cuspino na cara deles.

UMA MULHER DE TECELÃO (*gritando da casa*) – Gottlieb, óia lá tua muié, tá mais corajosa que tu, pulano lá na frente das baioneta, cuma se fosse pra dançá. (*Quatro homens carregam um ferido na sala do fundo. Um silêncio.*)

UMA VOZ (*perto do ferido*) – É o tecelão Ulbrich. (*Novo silêncio.*) Num tem mais tempo não: tá c' uma bala na cabeça.

VOZES NUMEROSAS (*fora*) – Viva! Viva!

VOZES (*na casa*) – Onde que tava essas pedra? – Foro tirada das carçada. – Tá chuveno pedra nos sordado. – Tem um monte de sordado ferido. (*Gritos de angústia lá fora, e até à porta da casa. Os habitantes da casa finalmente fecham a porta dando gritos de medo.*) Tão recarregano os fuzi deles. – Vão torna a atirá. – Tio Hilse, sai dessa jinela, véio.

GOTTLIEB – Eia lá, ficaro cum raiva agora? Desandaro a dá pôrva e bala pra gente cumê em veiz de pão? (*Ele hesita um instante, sempre de machado na mão, e se dirigindo ao seu pai.*) Dexá matá minha muié? Mai nunca. (*Corre para fora.*) Cuidado aí, meus camarada, tô ino aí também. (*sai*)

VELHO HILSE – Gottlieb, Gottlieb!

MÃE HILSE – Onde que tá o Gottlieb?

VELHO HILSE – Se entregô pro diabo por aí.

VOZES (*na casa*) – Mai sai daí da jinela, tio Hilse.

VELHO HILSE – Nunca jamais! Viro no que se metero? (*para a mãe Hilse, num tom já extático*) É aqui o lugá que o Pai do Céu marcô pra mim, é aqui que tenho de ficá, e encerrá minha missão, num importa o que conteça, e nem que a neve começa a queimá! (*Ele se põe a trabalhar novamente. No mesmo instante, explode uma nova fuzilada. Atingido mortalmente, o velho Hilse se endireita e torna a cair, cabeça para a frente, sobre seu tear. Ao mesmo tempo, soam lá fora novos vivas. Todas as pessoas que tinham ficado no vestíbulo da casa então se precipitam para fora, elas mesmas gritando vivas.*)

MÃE HILSE – Pai, pai, que que você tem, fala comigo, pai, qué que foi? (*O barulho dos vivas vai se distanciando. De repente Milienne entra correndo no cômodo.*)

MILIENNE – Vô, eles tocaro fora os sordado da ardeia, e tomaro o casarão do Dreissiger. Vô? (*A menina, assustada, olha mais atentamente e, com um dedo sobre os lábios, se aproxima lentamente do morto.*) Vô!

MÃE HILSE – Mais fala, home, diz quarqué coisa, assim a gente vai acabá sentino medo!

FIM